OBRAS

DE

D. FRANCISCO CHILD ROLIM DE MOURA.

LISBOA

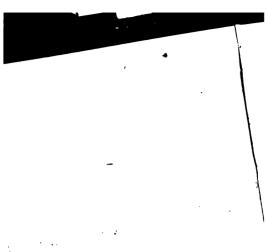
ESCRIPTORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA

Rua Augusta N.º 110.

1853.

OS NOVISSIMOS DO HOMEM

POEMA EM QUATRO CANTOS

DIRIGIDO A ESTE REINO.

NOTICIA

DA

VIDA E OBRAS

DE

D. FRANCISCO CHILD ROLIM DE MOURA

Tirada do Capitulo II do Livro IX do Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes pelo Sr. José Maria da Costa e Silva.

—

De uma familia mui nobre, e oriunda da Normandia, nasceu em Lisboa no anno de 1572 D. Francisco Child Rolin de Moura, que foi Senhor de Alantargel, e de Azambuja, e Commendador da Commenda de Nossa Senhora da mesma Villa.

Seus pais lhe deram a educação esmerada, que naquelle tempo se dava em Portugal ao

fidalgos, obrigando-o não só a completar o curso de humanidades, em que se distinguio muito no conhecimento das linguas antigas, na Rhetorica, Poetica, e Philosophia, assim como depois nas sciencias maiores, tornando-se mui perito nas Mathematicas, segundo o testemunho dos seus contemporaneos.

Terminados os seus estudos, entrou no serviço publico, foi admittido no Paço, onde sempre encontrou bom gasalhado, desempenhou diversos cargos, e entre elles o de Presidente da Junta das Lysirias, repartição que foi creada durante o regimen dos Hespanhoes em Portugal.

Casou duas vezes, e teve geração de ambos esses matrimonios.

D. Francisco Child Rolim de Moura desde os seus primeiros annos manifestou uma grande paixão pela poesia, que sempre cultivou assiduamente nas folgas, que lhe deixavam os trabalhos da sua vida publica, e sempre foi mui estimado pelas suas composições poeticas, mas por desgraça quasi todas se perderam, ou

existem sepultadas no pó das Bibliothecas particulares, á excepção dos Novissimos, Poema em quatro Cantos, em formato de 4.º, que foi publicado na Typographia de Pedro Chrasbeck em 1623.

Compoz tambem grande numero de obras em prosa sobre differentes e variados assumptos, a saber: *Apologia do Poema dos Novissimos*; *Advertencias sobre alguns erros de Luiz de Camões na composição dos seus Lusiadas*; a *Arte de Tourear*, em que tractava largamente das regras e primores deste exercicio, que sempre foi, não sabemos porque, mui agradavel tanto á nossa como á nobreza hespanhola; *Afforismos* dirigidos a seu filho D. Manoel Child Rolim. Estas obras prosaicas não tiveram melhor sorte que as poeticas, pois estas e outras ficaram tambem sepultadas no esquecimento, publicando-se sómente *Commentarios de Juan de Vega* explicados por *D. Francisco Child Rolim de Moura*, impressos tambem por Chrasbeck, em 1628, em formato de 4.º

D. Francisco Child Rolim de Moura juntava á condição de Poeta e Litterato as prendas de Cavalleiro, sendo muito extremado em montar a cavallo, e em esgremir com perfeição toda a sorte de armas.

No meio da abundancia dos bens, rodeado da estima publica, e no centro da sua familia, sem ser nunca inquietado nem perseguido durante o largo periodo da dominação hespanhola, que foi tão fatal para tantas personagens distinctas, viveu D. Francisco Child Rolim de Moura sessenta e oito annos, até doze de Novembro de 1640, em que falleceu.

O seu corpo foi conduzido á Igreja da Misericordia da Villa de Azambuja, onde lhe fizeram solemnes exequias, e jaz sepultado na Capella Mór da referida Igreja.

O Poema dos *Quatro Novissimos do Homem*, que foi recebido pelo publico com tanto applauso encomiastico, que suscitou tão vivas *discussões*, *está* hoje perfeitamente esquecido, *sendo um dos* livros mais difficultosos de encontrar, nem me consta que delle se fizesse

segunda edição. Parece-me que duas causas influiram para isto. Primeira a tristeza do assumpto, segunda a fraqueza da execução.

Para grangear as sympathias do Leitor, para lhe dar prazer com um Poema de quatro Cantos, em que se não tracta senão de *Morte*, de *Juizo*, do *Inferno*, e do *Paraizo*, é necessario ter o genio de Dante, e a sua expressão pictoresca, e imaginação creadora e original; ou a sensibilidade de fogo, e colorido energico, e a philosophia sublime e religiosa de Young, e saber, como ambos, combinar o mundo visivel com o invisivel.

A *Divina Comedia* do Homero Ghibellino é na verdade uma pintura energica do Inferno, do Purgatorio, e do Ceo; mas em todos estes locaes apparece alli a representação da Italia daquelle tempo, com os seus heroes, os seus tyrannos, os seus costumes, as suas virtudes, odios, crimes, e parcialidades, e a *personalisação* da idade media em toda a sua *grandeza* semi-heroica e selvagem, e as suas *proporções* gigantescas.

Nas noites de Young as meditações sobre a morte, a virtude, os delictos, e as miserias da humanidade, são accessorios de moralidade, e poesia sublime, que servem de campir magestosamente o painel, em que vemos um pai que no delirio da saudade abraça o tumulo de uma filha querida, derrama lagrimas sobre elle no silencio da noite, associa á sua dôr todos os seres existentes em todo o mundo, e com o exemplo da sua desventura procura converter os homens, e revoca-los do caminho errado, que levam, illudidos com os bens apparentes da terra; mas estes dotes, e estas idéas quem poderia depara-las em um Poeta Portuguez do seculo dezeseis?

Qualquer que seja o merito poetico dos *Novissimos*, que eu não pertendo contestar-lhe, é certo que naquella obra o Theologo suffoca o Poeta, que a devoção apaga a invenção, e que nem o estylo, nem a versificação *corresponde á grandeza* do assumpto.

Cada homem ajuiza com as suas idéas, e *[illegible]nte com o seu* coração; não sei o que suc

cede aos outros, porém a monotonia, seja de pensamentos, seja de imagens, seja de estylo, ou de versificação, é uma das cousas que peior effeito fazem em mim na leitura de qualquer Poema; e o Poema dos Novissimos não é pouco eivado desta enfermidade, e creio mesmo que ella é em parte inherente ao assumpto. Por isso me parece que este é do numero daquelles, que é prudente não tractar como assumpto de Poema, mas sim como quadro episodico de outro, como egrégiamente praticou Klopstock, fazendo do juizo final um episodio da sua Messiada, e ahi mesmo, apesar da viveza de colorido, e da originalidade das pinturas, magistralmente desenhadas, e gravadas por aquelle grande mestre, creio que serão bem poucos os Leitores, que não desejassem que o Poeta tivesse abbreviado mais aquella scena tremenda.

O Juizo final tem sido uma tentação para *quasi todos os* grandes Pintores, que tem *caprichado* em deixar-nos um quadro que o *represente*. Tenho visto as gravuras de algu

delles, e sinceramente confesso que ainda não achei um só, de que ficasse satisfeito, pois todos elles me parecem decahir no monstruoso, e no ridiculo, um pela invenção, outro pelo desenho, outros pelas actitudes: acreditará alguém que houvesse Pintor de grande merito, e grande fama, que levasse a indecencia, por não lhe chamar demencia sacrilega, de neste tremendo espectaculo retratar a um canto do inferno certo Cardeal seu inimigo coberto com uma pelle de burro, cujas enormes orelhas se lhe levantam aos lados da cabeça? Não é isto uma escandalosa profanação, e mais escandaloso ainda que o Papa, a quem o dito Cardeal se queixava daquelle insulto, lhe respondesse rindo: «Tenho muita pena de não vos poder fazer nada; porque a minha authoridade não é bastante para tirar ninguem do inferno; se vos tivesse posto no purgatorio seria outra cousa.»

Da escolha de um bom assumpto depende *mais do que se julga* a fortuna de um Poema: *m bom assumpto* inspira e ajuda o Poeta n

composição, mas não succede assim quando elle, em vez de soccorro, só apresenta difficuldade e obstaculos, e ás vezes impossiveis de vencer. Que prazer póde achar um Leitor, não sahindo do objecto de que tractamos, em lêr um canto inteiro, que se reduz a dizer-nos que infallivelmente havemos de morrer, e que é uma hora de afflicção, e de agonia, a hora do passamento; outro em que de principio a fim se vão enfiando umas nas outras, pinturas de tormentos horriveis, espantosos, e eternos? Qual será o homem de imaginação viva, e de coração sensivel, que se não horrorise vendo comparecer perante o Tribunal do Supremo Juiz a humanidade inteira para ser condemnada a penas sem fim, com mui pequenas excepções? Estas verdades tremendas são proprias para o Christão meditar nellas no silencio do seu gabinete, ou para soarem no pulpito na voz eloquente do Ministro do Evangelho, mas tornam-se insupportaveis n'um *Poema*; e não será temeridade em um Poeta o querer descrever os prazeres da visão bea

fica no Paraizo? Onde irá buscar as côres para pintar uma ventura que não conhece, e que é superior a toda a comprehensão humana? Todo o genio de Dante, todo o seu profundo saber theologico não póde evitar que elle, na *Cantiga do Paraizo*, não parecesse inferior a si mesmo nas duas antecedentes, isto prova com quanta rasão dizia Boileau na sua famosa Arte Poetica:

De la foi du Chretien les mysteres terribles
D'ornements egayés ne sont point susceptibles.

Mas apesar das graves imperfeições, que se encontram neste Poema, seria muito para desejar que delle se fizesse nova edição, tanto porque ha nelle bastantes bellezas poeticas, como pela pureza e elegancia de linguagem com que se acha escripto, o que torna a sua leitura de grande interesse para os que estudam a nossa bella lingua.

Segundo o systema adoptado no Ensaio Biographico-Critico, especialmente quando se tracta d

obras pouco conhecidas, cita o Sr. J. M. da Costa e Silva alguns trechos do Poema, fazendo as seguintes observações:

A' Est. V do Canto I:

A immensidade, em que Deos habita, não é imaginaria, mas real. O que o Poeta quiz dizer foi que essa immensidade não cabe nos limites da imaginação dos entes creados, mas o vocabulo, de que se serviu, está bem longe de exprimir essa idéa.

A' Est. VII do Canto I:

Imitação daquelles versos de Torquato Tasso no seu Gofredo, Canto IV Estança XI:

Stolto, ch'al Ciel s'agguaglia, e in oblio pone
Come di Dio la destra irata tuone.

A' Est. XIII do Canto I:

O Poeta pinta-nos aqui Lucifer com os dentes enlapusados de sangue; desejaria vêr como explicava, como o Diabo mór podéra achar sangue em uma furna só habitada de espiritos incorporeos, e quando no mundo se não tinha ainda derramado o de algum a

mal, porque ainda nelle não havia entrad
furor, nem a morte.

A' Est. XIV do Canto I:

Fazer que o throno do Rei d'Averno es
assente sobre dous degraus, e que estes se
a descsperação eterna, e o eterno odio, é ı
idéa poeticamente sublime, que Milton
despresaria se lhe occorresse: no resto nã
aparta Francisco Child Rolim de Moura
noções do Inferno, que vogavam no seu tem
Os Pintores da idade média, embuidos
imaginações fradescas, e pouco apurados
gosto, querendo exaggerar a fealdade dos
monios, lhe deram fórmas monstruosas, e
travagantes: pintando uns meio feras, e n
humanos, outros com azas de morcegos, u
de harpias, caudas de serpentes, e todos
pés de cabra, e cornos desmedidos, e mais
communaes á proporção da maior digni
que occupavam na côrte do Rei da Perdi
assim vieram a lançar sobre os Reinos do T
mento uma tinctura grotesca, quando o
tendiam fazer terrivel: os Poetas seguir

seu exemplo, e pintaram os inimigos do genero humano com o mesmo desenho e colorido com que os viam nos paineis e nas legendas! Os supplicios no Inferno de Dante, são quasi sempre tão phantasticos e tão grotescos como as figuras e os nomes dos seus Demonios. O mesmo Torquato Tasso, cujo bom senso era igual ao seu talento, não escapou nisto á influencia do seu seculo. É só por ella que póde desculpar-se o haver dito, fallando dos Demonios em Poema de estylo tão serio e magestoso como o Gofredo:

Stampano alcuni il suol de ferine orme,
E in fronte umana han chiome d'Angui attorte,
E lor s'aggira dientro immensa coda,
Che quasi sferza se ripiega, e snoda.

Qui mille immonde Harpie vedresti, e mille
Centauri, e Sphyngi, e pallide Gorgoni,
Molte, e molte latrar voraci Scille
E fischiar Idre, e sibilar Pithoni,
E vomitar Chimere atre faville,

E Polyphemi horrendi e Gerioni
E in nuovi mostri, e non piú intesi, o vistó
Diversi aspetti in un comfusi, e misti.

É necessario confessar que os Espiritos das Trevas mascarados em Centauros, Esphynges, Harpias, Pithons, Chymeras, Geriões, e Polyphemos são mui estranha comparçaria na magnifica scena do Concilio Infernal do Canto IV da Jerusalem Libertada.

Não deve parecer de melhor gosto este hyperbole a respeito de Lucifer

Siede Pluton nel mezzo, e con la destra
Sostien lo sceptro ruvidos e pesante,
Né tanto scoglio in mar, ne rupe alpostra,
Né piú Calpe s'inalza, ó il magno Allante,
Che anzi lui non paresse un piciol Colle;
Si la gran fronte, e le gran corna estolle.

mas estes desparates, e a nojenta idéa do f *tido, que* lhe sahe pelas fauces, depressa no *faz esquecer o Poeta* com o discurso ene

e soberbo, que immediatamente põe na boca do Principe das Trevas. Tal é o privilegio do genio, resgatar as faltas á força de grandes bellezas.

O estylo deste exordio é poetico e elegante, a linguagem pura, as oitavas bem construidas, e a versificação corrente e sonora; mas no corpo do Poema o Author insiste ás vezes demasiado na mesma idéa, presentando-a de differentes modos, e tornando-se assim diffuso e cançado; este defeito póde observar-se no exordio do segundo Canto, que seria muito mais bello, se o Author corresse com elle mais rapidamente, prevenindo a saciedade do Leitor, mui difficil de evitar-se em semilhantes assumptos.

Á Est. XXVI do Canto III:

Imitação de Dante, que na sua *Divina Comedia* finge que nas portas do Inferno está gravada esta sublime quanto terrivel inscripção:

Per me si va nella Citá dolente,
Per me si va nell'eterno dolore,
Per me si va tra la perduta gente

Justezia mosse il mio primo Faltore,
Fecemi la divina, Potestate,
La somma Sapienza, e il primo Amore.
Imanzi a me nò fur cose create,
Si non eterne, ed io eterno duro,
Lasciate ogni speranza, oh voi, ch'entrate.

A' Est. XXX do Canto III:

Nesta Estança ha duas cousas a notar; primeira a estranha accepção em que está aqui tomado o vocabulo *policia*; a segunda que o Poeta diga que as joias feridas do Sol pareciam *luminarias celestes*; acaso os raios do Sol penetram no Inferno? Não disse elle ha pouco que tudo eram trevas? Não basta crear boas imagens, achar correlações brilhantes, é necessario colloca-las bem, e aonde não produzam disparates.

A' Est. XXXV do Canto III:

As Scillás, as Hydras, as Gorgonas, que *supponho que é isto* o que o Poeta designa *pelo insolito vocabulo Gorgões*, são na verdade *muito mal* collocados em um Inferno Christão; mas parece que os Poetas de todas as nações

não podem, fallando do abysn
estas figuras mythologicas: o
não evitou esta escolha; Klopst
que eu conheça, cujo Inferno sej
conforme com as nossas idéas t
mistura de Paganismo.

A' Est. XLIII do Canto III:

É necessario que este logar
bem amplo para poderem cabe
réos deste peccado, que tão t
sempre no mundo! Os maus
aos Reis tem sido sempre a
das desgraças dos Povos, e da 1
dos: os nossos antigos Legislado
persuadidos disso que nas Ordei
impozeram pena de morte áq
fallassem verdade ao Rei; e
menos verdade que os que os a
e para lisongear seu gosto, sac
resses dos Povos?

A' Est. LI do Canto III:

Aqui o Poeta, que seguia
Eschola Italiana, e que en

seu modo de escrever um gosto bastante apurado, se entregou um pouco á verbosidade e jogos de palavras, que andavam em moda no seu tempo; tão contagioso é o exemplo! Tão difficil é escapar á influencia da moda, que em todas as cousas exerce despoticamente o seu imperio!

A respeito do Inferno deste Poema:

O que principalmente distingue o Inferno deste Poema dos que tem sido pintados e descriptos por outros Poetas, é ser, digamo-lo assim, um Inferno em espectativa, pelo menos em relação ao genero humano estão promptos os tormentos, já ardem os fogos que devem tostar eternamente os reprobos, que ainda não nasceram, pois o mundo se acha em seu principio, e o unico homem que tem pago o censo á morte é Abel, e Abel era justo, que tinha *por suas* virtudes achado graça diante do Senhor: *são ainda* os anjos rebeldes os exclusivos *habitadores* daquella região das trevas, e theatro *da* vingança de Deos.

Sobre o Poema em geral:

Uma das cousas, em que Francisco Child Rolim de Moura me parece que se tornou digno de muito louvor, e deu prova de abalisado tino, e talento poetico, foi em dar ao seu triste assumpto uma tal qual fórma dramatica, que não deixa de lhe dar movimento, vida, e interesse, e isto mostra um conhecimento da arte mui superior ao que havia no seu tempo, e isto basta para lhe grangear a estima e a indulgencia dos Criticos do nosso; devemos lembrar-nos de que elle abrio um caminho novo para o Pindo, sendo o seu o primeiro Poema deste genero que se compoz em lingua Portugueza.

Para fazer conhecer aos Leitores o estylo e a versificação lyrica deste Poeta, aqui transcreve o Sr. J. M. da Costa e Silva dous Sonetos de Rolim de Moura dirigidos ao engenhoso Poeta Manoel de Galhegos: o primeiro escripto para celebrar a publicação do seu Poema Hespanhol, que tem por titulo *La Gigantomachia* ou a Guerra dos Gigan*tes contra os Deoses* do Olympo; e o segundo em *louvor do Templo da Memoria*, que o dito Galhe*gos* compozera para celebrar o casamento do Duque de Bragança, depois Rei de Portugal com nome d

D. João IV, com a Senhora D. Luiza, filha do Duque de Medina Sidonia.

SONETOS.

De nativo valor pechos armados
Armas fatales, monstros arrogantes,
Com gigantea fuerça entre Gigantes
Los montes sobre montes colocados.

Impulsos de Elementos perturbados
Cielos ardiendo, balas fulminantes,
Y de las Deidades militantes
Intactos hilos d'Atropos cortados.

Efeitos son al vivo resumidos
Merabillas aonde las menores
Ya no temen que el Tiempo las consuma.

Si a logar mas sublime por vencidos,
Del que conquistariam vencedores
Volaron muertos solo en una pluma.

Bem foi de nova Musa novo intento
Pôr em medida aquella dilatada
Fama, que, em regios troncos sustentada,
C'os ramos toca o alto Firmamento.

O portentoso, e grande pensamento
Harmonica pintura sublimada,
O curso ao Lethes tem, ao Tempo a espada
Suspensos do rigor do movimento.

A mesma admiração aqui se admira
Fôra gloria da Inveja o invejar-te
Por nos mostrar que a tanto se atrevera,

Ao som das armas clausulaste a Lyra,
Á bella Venus, ao soberbo Marte
Opposição fizeste em sua esphera.

—

APPROVAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

Vi esta Poesia, que se intitula dos Quatro Novissimos, composta por Dom Francisco Rolim, Senhor das Villas d'Azambuja, e Montragil; que se bem no argumento della declara sua piedade, e peito christão, não menos se conhece feliz em o proseguir, obedecendolhe a esse intento o mais das sciencias humanas, valendo-se das Divinas Escripturas, e do melhor que dellas recolhêrão os Sagrados Theologos, como que se com os professores de hũas e outras letras gastára os annos. Obra na invenção e traça engenhosa, nas sentenças grave

rica nas palavras, no estylo subida e elegante; e em breve, obra a cujo Author a sciencia e eloquencia podem agradecer que, em tão estreito theatro, tão vivamente as mostrasse. No que tenho efficaz motivo de o approvar, e fundamento seguro de esperar toda a aceitação dos que a lerem. Quanto mais que professando o Author antes armas que letras, assaz fôra parar com intento na esperança de algũa occasião, em que podesse segundar o valor de seus passados, no intento christão da conquista da Casa Sancta; e quando menos parar na grande parte, que forão na tomada desta Cidade aos Mouros, que de hũa, ou outra maneira, bem mostrava nesta obra como faria, que a par vivessem a espada e a penna.

Em Lisboa, 13 de Abril de 616.

D. Balthasar Alvarez.

LICENÇAS.

Vista a approvação do Padre Balthasar Alvarez póde-se imprimir a dita obra.

O Bispo Inquisidor Geral.

Póde-se imprimir este Poema dos Quatro Novissimos.

Lisboa, 24 de Setembro de 622.

Viegas.

Póde-se imprimir este Poema dos Quatro Novissimos, vistas as licenças do Sancto Officio, e Ordinario. E não correrá sem tornar á Mesa para se tachar.

Em Lisboa, a 9 de Novembro de 1622.

Moniz.

J. Ferreira.

D. de Mello.

Tacha-se este livro em oito vintens.

Em Lisboa, a 7 de Fevereiro de 623

I. Ferreira

Caldeira.

A DOM MANOEL CHILD ROLIM DE MOURA.

Filho, o que pude conquistar em consideração daquella vida e morte que durão para sempre, vereis no que se segue, e desejando eu que fosse este meu trabalho vosso, venceo o antigo direito, que este Reino em nós tem, de conquistarmos para elle, e fez, que fossem seus, estes meus pensamentos, que creio defendereis melhor pelo dono que lhe vedes, que se vós proprio o fosseis. A benção de vossos Avós, permitta Deos que vos cubra, que a ambos nos não fica mais que desejar.

Azambuja, em 12 de Dezembro de 1622.

V. Pai.

XXXIV

NUNO DE MENDONÇA, DO CONSELHO D'ELREI NOSSO SENHOR, PRESIDENTE DA CONSCIENCIA.

Da morte, do juizo, e do tormento,
Apesar do temor mais espantoso,
Formais tão novo canto, e sonoroso,
Que até no Estygio faz suave accento.

Da gloria a que se rende o pensamento,
Hum resplendor mostrais tão luminoso,
Que o que sobre ella fôr mais glorioso
Di-lo-ha a fé, mas não o entendimento.

Venceis nos quatro fins o espanto humano,
Deixando (por que o mundo mais se espan
Por quinto fim de engenhos vosso engen

Não fica que cantar, nem ha quem cante
Após vós tendo feito o vosso canto,
Da promessa maior mór desempenho.

DOM JOÃO D'ALMEIDA, DO CONSELHO D'ELREI NOSSO SENHOR.

Orfeo, que lá do Estygio infausto e triste
Nos declaras as horridas procellas;
Colon, que ao pensamento dando as vellas
Novas Indias Celestes descobriste;

Por sem duvida tenho que subiste
Sobre os Ceos, sobre o Sol, sobre as Estrellas,
E que, como outro Paulo, nos revellas
Não sómente o que crês, mas o que viste.

Quebranta Adão de Deos o mandamento,
Sendo este crime, e seu perpetuo pranto
Do teu sacro Poema alto argumento;

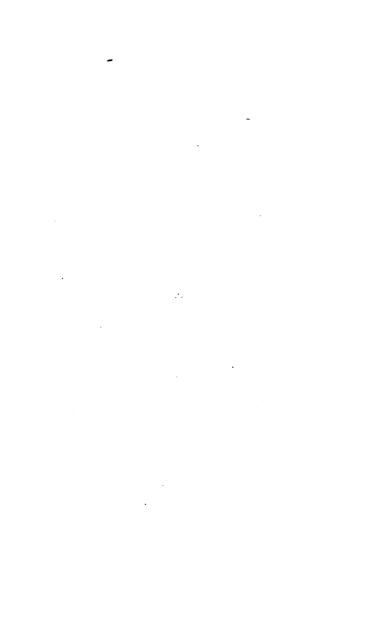
E assi se feliz culpa a chama hũ Sancto,
Porque o Ceo nos abrio, eu acrescento
Que por ser tambem causa de teu canto.

MANOEL DA CUNHA, DEPUTADO
DO SANCTO OFFICIO.

Maius Alexander peperit sibi nomen, in arma
Inserit ingenii dum sapientis opes:
Aurea Mæonio dum Scrinia servat Homero,
Et vel in assidua carmina nocte legit.
Tu tamen, o patriæ decus illustrissime Rolim,
Ingenium superas Vatis, & arma Ducis
Es dux, & pariter vates, pro avumque tuorui
Illustras duplici nobilitate genus.
Adde quod egregia novitate Novissima tractai
Nectis eximia cum pietate modos.
Si qua tuis ergo servantur Scrinia Musis,
Maior Alexandro conditor, orbis hab

CANTO PRIMEIRO.

—

MORTE.

ARGUMENTO.

Cria despois do Mundo o Padre Eterno
Aquella creatura, a que mais ama,
Contra a qual a conselho o Rei do Averno
Seus ministros crueis convoca, e chama:
Quebra Adão o preceito sempiterno,
Colhendo o fruito da vedada rama,
E desterrado, a morte macilenta
N'um rapto seu horror lhe representa.

OS NOVISSIMOS DO HOMEM.

CANTO PRIMEIRO.

I.

Eu que cantei profanos pensamentos,
Memorias em meu damno eternisadas,
Vãs esperanças, vãos contentamentos,
Chimeras d'impossiveis fabricadas;
Canto da morte os ásperos tormentos,
Juizo estreito, contas apertadas,
Do rigoroso Inferno a crueldade,
Da inexhausta Gloria a Divindade.

II.

Oh Musa, vós aonde o ser humano
Se fez de eterna graça viva fonte,
Vós, que não só Estrella do Oceano,
E verde Planta sois d'Excelso monte;
Mas lá no eterno Empyrio soberano
D'onde não ha quem as grandezas conte,
De Estrellas coroada, e Sol vestida,
Sois dos Coros Angelicos servida.

III.

Vós, que na pura essencia transformada
Como substancia estaes, como accidente,
Ao Filho em quanto Mãi, em quanto amada
Aos dois, que são hum só Omnipotente;
Tal graça me alcançai, tão sublimada,
Qual a pede a materia preeminente,
Que sem ella mal póde o meu talento
Seguir tão levantado pensamento.

IV.

Ja aquella Magestade incomprehensivel
Do Cahos tinha os dois globos separados,
Ja tinha a maior luz feito visivel
Quanto o Summo Architecto os tinha ornados;
Ja a Machina Celeste incorruptivel
Começava seus cursos encontrados,
Ja tem feras a Terra, e no Ar vôão
As inquietas aves, que o povôão.

V.

Quando do Grande Assento levantado
Naquella imaginaria immensidade
Fóra de tudo quanto está creado
Logar (sem ser logar) da Divindade
Para o Homem na mente ja traçado
Volta os Olhos Divinos de piedade,
Com que dando-lhe fórma n'hum instante
O fez n'alma immortal seu semelhante.

VI.

Diante da visão de immenso objeito
Aquella nova Terra ja animada
D'outro Mundo mais bello, e mais perfeito,
Eterna moradora destinada;
Mereceo na brandura do preceito
Da arvore por elle só vedada,
Assegurar os bens da Summa Essencia
Por hũa limitada obediencia.

VII.

Mas em quanto esta obra tão divina
Foi a Summa Bondade fabricando,
Do triste Reino o Rei triste imagina
Como o grande edificio vá minando,
Julga por nova pena a sua ruina
O vêr que a Terra ao Ceo vai caminhando,
Quer atalha-lo, qual se elle ignorasse,
Como de Deos a ira castigasse.

VIII.

E tendo os pensamentos commovidos
A tão damnado, e fraudulosо intento,
Manda logo ajuntar os affligidos
Moradores do Reino do tormento;
São d'áspera trombeta conduzidos,
Treme ao som della o cavernoso assento,
E onde os medonhos écos retumbavão
A Terra fende, os montes se abalavão.

IX.

Logo os Deoses daquella ignea morada
Se vêem nas regias portas encontrar-se,
Cuja fórma não vista, e variada,
Excede quanto póde imaginar-se;
No tremendo rigor da morte irada
Quando em raios fataes representar-se
O espanto, o temor melhor poderão,
Nem sombra destas sombras parecêrão.

X.

Hum arrastrando a colla já se via,
Qual escamosa, e perfida Serpente,
Acolá vôa a sanguinosa Harpia,
Aqui ruge o Leão da Libia ardente;
Outro que a todos juntos parecia,
Sendo de qualquer delles differente,
Tem de marinho monstro a fórma brava,
Mas são de fogo as ondas que cortava.

XI.

Alli ferinos pés, corpos humanos
Se vião com disforme respondencia,
Os Centauros crueis, Tygres Hircanos,
Medonhos monstros cheios de inclemencia,
Huivos, sibilos, roncos deshumanos
Fazião a terrible apparencia
Dos medonhos aspeitos temerosa,
Se cousa ha no temor tão espantosa.

XII.

Entrão, e nos logares repartidos
Estavão huns aos outros precedendo,
A flamma dos assentos accendidos
Fica novo elemento parecendo:
Plutão no meio alli dos mais valídos,
O sceptro ardente intrepido sustendo,
Preside com tão feia catadura
Quanto ja foi fermosa creatura.

XIII.

Os scintillantes olhos tanto ardião
Que cometas infaustos semelhavão,
Na grã cabeça e barba se esparzião
Cinzas, que fogo ainda sustentavão:
Os anhelitos roncos despedião
Grossos fumos, que o ar inficionavão,
Livida a côr, os beiços retornados,
Em negro sangue os dentes tem banhados.

XIV.

Tremendo aspeito, horrenda magestade,
Que a soberba odiada mais altera,
Fazião na penosa dignidade
De indomita aspereza mostra fera;
Da Corôa era tal a escuridade
Que em seu respeito o Chaos resplandecei
Tem dois degraus, o grão throno d'Averni
A desesperação, e o odio eterno.

XV.

Estando já o tumulto socegado,
Correndo todos com medonho aspeito,
Xion á roda, Syzifo carregado,
Parárão, e pára á Hydra a voz no peito,
Fica o Trifauce Cão tambem calado;
O Rio se deteve ao grão conceito
Que o Rei da pena eterna declarava,
Quando neste silencio tudo estava.

XVI.

:ernos moradores do profundo
eino, e proprio logar do mór tormento,
ignos porém d'estar lá n'outro Mundo
uito além desse bello Firmamento,
: arrasou o Poder, que he sem segundo,
s machinas do vosso atrevimento,
ommettestes porém tamanha empreza
ue nelle só achou ella a defeza.

XVII.

ão he por isso em nós menos subido
a nobre geração o grande prego,
ara soffrermos ser-nos preferido
um que da Terra vil tem seu começo:
h! quanto deve ser isto sentido!
u ja quando me lembra o que mereço,
vejo ser ao Homem em dote dado,
o (se póde ser) mais obstinado.

XVIII.

Convem que se procure, e se pretenda
O remedio de offensa tão notoria,
Tanto porque este bem se lhe defenda,
Quanto por offender o Rei da Gloria:
He bem digna de vós esta contenda,
E bem para estimar hũa victoria
D'almas, que para o Céo tinha creadas,
Ter-lhas em vivo fogo atormentadas.

XIX.

Mas que renovo agora por extenso,
Quando esta nova offensa vos bastava;
Qual ha de vós?... aqui ficou suspenso
Do tumulto, que ja tudo atalhava;
Em magoa tão mortal o odio intenso
Com a vingança só se regulava,
Que afiando as tenções no que refere,
Não ha ordem que a ira não altere.

XX.

Ja das cavernas horridas sahião
A perturbar a paz da humana gente
Aquelles monstros varios, que assistião
Nesse conselho lá do Reino ardente.
As areias que os Mares encobrião,
Os atomos do Sol resplandecente,
O grande Ceo, que em pontos se fizera,
A quantos são, igual tudo não era.

XXI.

Escurecendo o Ar, por onde vôão,
A Terra sotoposta em cinza fazem;
As ondas do Oceano menos sôão
C'os ventos que a romper na Costa as trazem;
Menos as nuvens negras nos atrôão
Quando em tremulos raios se desfazem.
A machina total despedaçada
Fôr'esta commoção mal comparada.

XXII.

Rodeião com cuidado em ira aceso
Daquellas creaturas a morada,
Por se desalivar do grande peso
De que anda a triste Inveja carregada;
Entrar porém alli lhe era defeso
Daquella Omnipotencia Incomparada,
E como ácerca o passo em vão tentárão
Nas figuradas portas se parárão.

XXIII.

Era o grande prospecto rutilante,
Que sobre quicios aureos se movia,
D'outra pedra mais dura que diamante,
Onde a obra á materia inda excedia:
He tal cada figura no semblante
Que facilmente a vista julgaria
Em seu respeito as vivas debuchadas,
E ellas junto ás vivas animadas.

XXIV.

Quanto dentro se encerra tudo estava
Com Divino Artefício retratado,
Aqui passava a fera, alli deixava
A ave voadora o Ar cortado;
Outro animal perfeito se mostrava
Que o rosto sempre ao Ceo traz levantado,
Por que os outros domasse, e caminhando
Fosse para onde a vista o vai guiando.

XXV.

Vê-se em esphera obliqua collocar-se
Este sitio n'hum globo cristalino,
Da fria zona; e torrida apartar-se,
Onde o clima ficava mais benino;
Hum breve espaço só mostra occupar-se
Do Homem, por ingrato delle indino,
Fazendo então o Sol com igualdade
Geral repartição da claridade.

XXVI.

Não tinha montes cheios d'aspereza
Nem do rigor do Ceo era alterado,
Por ser do ar benigno a grã pureza
Qual elemento puro respirado;
Subida alli de ponto está a belleza
Em quanto a nova Terra tem creado,
Tanto, que bem olhado a qualquer parte,
Mostrava a natureza obrar com arte.

XXVII.

Mais que de humana traça se mostrava
D'hum fermoso jardim a compostura,
Que quanto em si comprehende tudo estava
Fazendo inveja á mesma fermosura;
A flôr, e fruito vê-se que esmaltava
Dos levantados troncos a verdura,
Onde mal o sentido determina
Qual com mais rasão o gosto inclina.

XXVIII.

No meio desta planta deleitosa
Do espesso arvoredo rodeada
Estava aquella fonte caudelosa
Que he por tão varias partes derramada;
Não era de Corinthio obra lustrosa,
Nem por boca de Satyros lançada,
Que os liquidos cristaes puros e bellos
Nenhũa arte podia guarnecellos.

XXIX.

D'aqui quatro correntes divididas
Hião com varios lassos rodeando
Em deleitosas Ilhas compartidas
As raizes que vão alimentando,
Onde as copadas arvores erguidas
O Ceo de verde ficão esmaltando,
E quando n'agua se representavão
O seu verde de branco matisavão.

XXX.

O Zefiro suave parecia
Ondear com brandura as flôres bellas,
E quando brandamente as dividia
Ir em si transformando o cheiro dellas;
As encrespadas aguas que movia
Com deleitoso som quebravão nellas,
Tudo se conformava, e tudo era
Hum sigilo da Mão, que o fizera.

XXXI.

Mas qual na rica joia fabricada
Por destra mão d'artifice sciente
Fica de pedraria rodeada,
A pedra de valor mais excellente,
Tal entre as outras plantas separada
Em logar mais que todos preeminente
Hũa arvore se vê, que a todas passa
Em flôr, em fruito, em belleza, e graça.

XXXII.

D'hum ramo estava á Terra despedindo
De sulphurinos raios flamma immensa,
Com que elementos puros confundindo
Maculados os fruitos nos dispensa;
D'outro tronco supremo está sahindo
Hum Rio que esta perda recompensa,
Que hum Cordeiro de sangue derramava,
Com que este grande incendio se apagava.

XXXIII.

Vê-se que por remir sorte tão dura
Abraça alegremente dôr tão forte,
E mostra mais que afflicta creatura
Viria a receber vida da morte:
Estava aqui tão viva na esculptura
Por estranho poder mudada a sorte,
Que nem puros espiritos conhecem
Os mysterios que occultos lhe apparecem.

XXXIV.

A taes segredos, quaes o pensamento
Lhe mostrava nas portas figurados,
Do impio tribunal do mór tormento
Os ministros crueis estão pasmados:
Mas como em nosso mal com seu intento
Sahissem inimigos tão damnados,
Vós só podeis, oh Musa, declara-lo,
Ab eterno nascida a restaura-lo.

XXXV.

Vinha a nobre morada discorrendo
(Que d'hum descuido nascem muitos danos)
Eva, quando os limites delle vendo
Ouvio aquella voz cheia d'enganos:
E lá d'onde ella os ares vem rompendo
Com accentos fingidos mais que humanos
Voltando os olhos, vê que fóra estava
A *Serpe*, que hum espirito informava.

XXXVI.

E diz-lhe: Oh perfeição, cuja excellencia
Inveja faz á mesma natureza!
Por que usas em teu damno da prudencia
Que encerra dessa fórma a grã belleza?
Por que despresas tanta preeminencia
Quanta te representa tal grandeza,
E a rasão natural que te he dotada
D'alma immortal potencia inseparada?

XXXVII.

Olha que só te enleva, e te esvanece
A falta de ter bem considerado
O quão erradamente se escolhesse
Trocando-se o mandar por ser mandado;
Podereis Deoses ser, se se colhesse
O Pomo, *que por* isso he só vedado,
E ficará de vós então sabido
O bem e o mal, que nelle está escondido.

XXXVIII.

Só os caminhos que correndo passão
Essas quatro correntes caudalosas,
Tantos climas occupão, tanto abração
Entre as fozes distantes, e espaçosas,
Que eu seguro, que o vê-las só te fação
Menospresar est'outras deleitosas,
E conhecer que vives d'hum engano
Comprado tanto á custa de teu dano.

XXXIX.

E por que melhor possas inteirarte
Da fé, que meu conselho te merece,
Ainda que em pequena, e breve parte,
Olha o que a minha industria te offerece
Nesta breve pintura em cada parte,
Quanto o Celeste Globo orna e guarnece
Verás, e o facil modo de logra-lo,
Se só por me não crêr queres engeita-lo.

XL.

Sabe que tem da Terra a redondeza
Hum diametro tal, que se contassem
Centos de leguas vinte em tal grandeza
Onze dezenas creio que faltassem;
Com cinco zonas quiz a natureza
Que ambos os grandes globos se marcassem,
As quaes além de assi serem partidas
São em dezoito climas divididas.

XLI.

Serão destas as frigidas chamadas
Aquellas cujas áreas circulares
Fazem outras espheras, que voltadas
Sobre seus polos são particulares;
Aonde humidas nevoas condensadas
Estarão nestes circulos polares
Os seis mezes que a luz mais excellente
De seus climas gelados vive ausente.

XLII.

Entre estas e os Tropicos ardentes
Ambos do grande cinto signalados,
São as duas que vês mais excellentes
Na pureza dos ares temperados;
No meio dellas soffrerão as gentes
Effeitos de calor immoderados,
Cuja torrida estancia intoleravel
O gosto de mandar fará habitavel.

XLIII.

Aqui virá por vias duvidosas
Entrar no salso lago, e grande seio,
Depois de romper Serras pedregosas,
Este que á Terra dá tão grão rodeio,
Physon, ou Ganges, que das abundosas
Enchentes tal soberba a tomar veio,
Que neste Mar seu curso temerario
e mais competidor, que tributario.

XLIV.

E d'aqui nascerá que não errando
Darão em Regiões tão differentes
As fontes deste Rio, que augmentando
De varias aguas vai suas enchentes:
E porque irão d'alli logo lançando
Nas entranhas da Terra estas correntes,
Onde dellas romper o movimento
Chamar-lhe-hão sua fonte, e nascimento.

XLV.

Porém est'outro que he Gheon chamado,
Cujo nome na Grecia convertido
Em Nilo, se verá tão nomeado
Quanto a suas grandezas he devido;
Será o tempo sempre em vão gastado
De quem procurar vêr onde he nascido,
Inda que seu nascer se chame, e conte
Da parte d'onde muda o nome em Fonte.

XLVI.

Emfim d'Africa ardente vem nascendo,
Por entre ásperas brenhas dilatadas,
Com que se ficará sempre escondendo
Sem nunca conhecer mortaes pisadas,
Cujas aguas ao Norte vão correndo;
Nisto a todas as outras encontradas,
E n'outro Mar que neste o curso acaba,
Por sete bocas rompe a furia brava.

XLVII.

Mas olha que do Ganges abundoso
Até onde do Nilo o nome acabão
As ondas deste Mar tempestuoso,
Que o grande giro destas Costas lavão
Do dilatado curso, e espaçoso,
As alturas em prova me bastavão,
Sem o ambito grande que se conta
De Mar a Mar; e d'hũa a outra ponta.

XLVIII.

Logo sahindo deste Cancro ardente,
Méta que o grão Planeta nunca passa,
Deixando para o lucido Oriente
Quanto a comprida Costa cérca e abraça,
Verás ficar da parte d'Occidente
A grande Terra, que não he escaça
Daquella mais subida pedraria,
De quem a estimação será a valia.

XLIX.

E lá quasi chegando á grande linha
Que as trevas faz iguaes á claridade,
Antes da ponta que se lhe avisinha
Que de Reinos terá grã quantidade,
De Norte a Sul a Costa se caminha
Da fertil Terra, cuja qualidade
De odoriferos fruitos excellentes
Em tanto preço se terão das gentes.

L.

D'aqui subindo para onde o Polo
Hé das lucidas Ursas circundado,
O grande Indico fica d'onde Eolo
Parecerá aos Nautas sempre irado:
E lá da parte d'onde o claro Apolo
He com curso veloz arrebatado,
Ficão aquelles Portos, que voltando,
Os Ceos, se irão de gentes povoando.

LI.

Aquella Ilha que alli vês tão pequena
Será com tanta fama nomeada
Quanto se vê no Fado, que lhe ordena
O grão valor da peregrina espada;
Onde ha de vir a gente a que dá pena
Estar em seus districtos socegada,
Que o peito generoso não permitte
Poder-se comprehender d'algum limite.

LII.

Qual vejo de hum Gigante bellicoso
Que Reis não teme, exercitos despreza,
D'hum Moço Pastoril tiro animoso
Postrar por terra a natural braveza;
Tal do grande Oriente poderoso
Em thesouros, em gente, em fortaleza,
Goa trará c'os corações ousados
Os Imperios indomitos domados.

LIII.

Passando desta ponta, que algũa hora
Fortaleza será tão importante,
Multiplicando a altura fica agora
Esse Persico Estreito mais ávante,
Deixando á mão esquerda a bella Aurora
Mensageira daquelle radiante
Planeta, cujo curso violento
Nos distingue do tempo o movimento.

LIV.

E segundo a derrota que fazia
Até passar a zona mais ardente,
Que por inhabitavel algum dia
Se julgará d'algum teu descendente,
Da mór declinação fazendo a via
Que faz a Lúz do Ceo mais excellente,
Está o Promontorio monstruoso,
E monstro mais que tudo tormentoso.

LV.

Mas desta ponta, cujas praias vemos
O Mar bater com nomes differentes,
Para o Polo encuberto caminhemos
Aonde ha mais Estrellas refulgentes,
Cujos largos caminhos, que aqui vemos,
Povoados serão de varias gentes,
Todos porém daquella côr escura
Que faz da quinta zona a grã quentura.

LVI.

Deixando pelo meio dividido
O Globo, e cortando esta Enseada,
Tendo da arvore o cabo já vencido
Que está c'o peso mais alevantada,
Fica da Serra aquelle cume erguido
Que das outras a mostra separada,
O nome tem do animal tomado
Que está no quinto Signo collocado.

LVII.

Para o frigido Boreas caminhando,
Sem numerar est'outras que estás vendo,
Estamos neste Estreito, onde entrando
Por outro novo Mar imos correndo,
Cujas Ilhas tão celebres deixando
Chegamos onde em braços vem rompendo
O Nilo, que se unido aqui entrára
Perder o Mar seu nome receára.

LVIII.

Mas porque est'outros dois de que fallamos
Por vias differentes encontrados
São, no Persico Ceno que deixamos
Por tão diversos climas alongados;
Se para o frio Norte caminhamos,
Pelo Estreito outra vez desembocados,
As Costas rodeando, e Enseadas
Da fria zona a Leste situadas;

LIX.

Iremos vêr a Terra, que cercada
He deste Mar por outra estreita via,
Quanto sua distancia he alongada
Até onde se iguala a noite ao dia;
Corre d'alli voltando hũa Enseada
Que direito cortar nos impedía,
De que as Ilhas em numero se augmentão
Tanto, que Terra firme representão.

LX.

Indo assi costeando aquella meta
Que está do Equador mais apartado,
Até onde outra vez o grão Planeta
N'outro circulo tal he collocado,
Segunda vez convem que entre, e commeta
Este Persico Ceno já deixado,
Sem me deter nas Costas tão famosas
D'aromaticos fruitos abundosas.

LXI.

Aqui verás quasi na mesma altura
Do Nilo o grande Eufrates acabar-se,
Que até dos grandes Rios a grandura
Naturalmente vem a limitar-se.
Oh mortal, e soberba creatura,
Que entendendo não sabe sujeitar-se
Áquelle termo, e fim tão ordinario,
Inda a manantes aguas necessario.

LXII.

Este que nelle em tal velocidade
Põe fim co'ella ao nome juntamente,
He o Tigre veloz, que a longa idade
O nome lhe dará da grã corrente.
Emfim tens visto a grã capacidade
Que entre as fozes se occupa tão sómente,
Sem que esta descripção nada comprehenda
De quanto o largo Mundo mais se estenda.

LXIII.

Agora tu, em quem rasão humana
Com justo termo tudo alcança e mede,
Olha bem, creatura soberana,
Que quem tanto te dá nada te pede;
Pondera o que aproveita, e o que dana
Quanto a *ditosa* sorte te concede,
E como de teu bem, e teu proveito
Faz (*qual* se fosse seu) proprio respeito.

LXIV.

Se inda queres rasões mais evidentes
Vendo-te de taes bens destituida,
Mostras nesta vontade que consentes,
Que a rasão seja della preferida:
Se são os medos que te estão presentes
Dessa primeira causa obedecida,
Quando ella he tal, que tudo senhoreia,
Por que tanto de hum Pomo se receia?

LXV.

Quem da cega affeição os passos segue,
Bem o desculpa a fé d'hum pensamento,
Se ao duro desengano quasi entregue
Esforça inda o cansado soffrimento;
Mas por temeres só que se te negue
Tão pouco, queres perder tão grande augmento,
E pôr a teu desejo hum duro freio
Polas chimeras vãs de hum vão receio?

LXX.

Em quanto Eva julga estes intentos
Com rasões de melhor rasão guiadas,
Oppunhão-se-lhe varios movimentos,
Estão d'alma as potencias encontradas:
Teme, e deseja os mesmos pensamentos
De que as verdades andão offuscadas,
Ora mudava o passo, ora se via
Que quasi duvidoso o suspendia.

LXXI.

A mal affecta inclinação humana
He da cega cubiça combatida,
O natural instincto a desengana,
Ambos juntos os crê, d'ambos duvida;
Torna a mover-se (já da mente insania
A solida verdade despedida)
Para o Pomo vedado caminhando
Do receio os desejos triumphando.

LXXII.

Ja lhe tardava o bem que pretendia
E só da dilação a magoa sente,
Ja o braço homecida s'estendia
Pouco, a quem tanto deve, obediente;
O Pomo colhe, e faz quando comia
Que coma Adão com ella juntamente,
E foi assi, que os olhos logo abrírão
Mas para se vêr taes como se vírão.

LXXIII.

Tremeo da nova Terra ao Firmamento
Quanto tamanho circulo encerrava,
Tudo offendeo o grande sentimento
Que tal ingratidão representava;
O Sol d'hum temor frio macilento
Perdeo da bella luz que antes mostrava
Das sete partes seis, e mais perdera
Se mais sem se extinguir perder podera.

LXXIV.

As virtudes dos Globos influentes
O que tem de benignos moderárão;
Das figuras do Ceo resplandecentes
Em nosso damno os raios se mudárão;
Fogem do Homem todos os viventes,
Tão enorme seus erros o deixárão!
E a Lua (que Mundo este seria!)
Tanto como hoje o Sol resplandecia.

LXXV.

Mas isto tudo he qual fumo, ou terra
No ar do rijo Boreas levantada,
Em respeito d'aquella crua guerra
Que arma, arma, contra o Homem brada;
A Summa Sapiencia, que não erra,
Mas nem por isso obra accelerada,
Quem na mente lhe brada estava ouvindo,
quem com brandas lagrimas pedindo.

LXXVI.

A Divina Justiça, que se offende
De soberba mortal tão insolente,
Na Dextra a Espada, que a razão defende,
Na outra o grande Sceptro preeminente,
Á vista já do Ser de quem depende
A Machina Celeste, e Reino ardente,
Lhe diz com grave voz: Como he possivel
Que excesso commettaes tão insoffrivel?

LXXVII.

Que mais vos tinhão estes merecido
Que os spiritos puros derribados
Deste Logar, d'onde elles tem cahido
Em disformes aspeitos transformados?
Se fossem os erros que elles commettido
Tem, em quanto aos sujeitos comparados,
Quem duvida que he maior atrevimento
Igual culpa em menor merecimento.

LXXVIII.

Mal póde de rigor satisfazer-se
Do individuo em tudo fraco, humano,
O crime com que vemos offender-se
Hum Ser, hum Infinito Soberano;
Não basta a cada qual destes perder-se
Que he fogo leve pena a tanto dano;
Nem se veja na paga que tiverão
Qu'a Vós estes sujeitos se atreverão.

LXXIX.

Morrão, morrão, dizia, juntamente
Almas e corpos, tudo alli pereça,
Em tal execução tão preeminente
Preeminencia Infinita se conheça;
He de Vosso Poder cousa indecente
Reparar em fazer quando começa
Mais Mundos de que podem numerar-se
? não deixassem nunca de contar-se.

LXXX.

Conheção elles esse braço irado,
Arruinai os torpes homécidas;
A Terra, e quanto nella está creado
Perca de hum golpe só todas as vidas;
Sejão em caso nunca imaginado
Até as testemunhas destruidas;
Reduzir tudo he pena verdadeira
Áquelle Chaos, e confusão primeira.

LXXXI.

Em quanto assi fallando se queixava
A Divina Justiça rigorosa,
Está a Misericordia, que escutava,
Inquieta, affligida, lastimosa;
No Grão Juizo em pé se levantava
Em acto humilde, em mostras piedosa,
E com chôro que a voz interrompia
Taes palavras do brando peito abria.

LXXXII.

Primeira Causa, e ultima Grandeza,
Acto Puro, Suprema Magestade,
Author de quanto inclue a natureza,
Essencia que em si só tem igualdade,
A quem os Seraphins de mór belleza,
E os que nessa eterna obscuridade
Ardendo estão em fogo temeroso
Reconhecem Senhor por Deos piedoso;

LXXXIII.

Se quanto Vós podeis se executasse,
Se de quanto escusaes nada creasseis,
Se á medida da culpa se formasse
A pena, e o castigo que ordenasseis,
Quem podéra esperar que o Ceo durasse,
Quem que tão brandamente castigasseis,
Ou quem crêra (se então alguem julgára)
Que os Anjos, nem que o Mundo se creára

LXXXIV.

Estes, Senhor, bem vejo o que merecem
Pois que na Terra tem seu nascimento,
E que inda nas miserias que padecem
Não satisfazem tão damnado intento;
Mas se tão junto a Vós de Vós se esquecem
Outros de mais subido pensamento,
Nelles errar maldade foi sabida
Nos Homens he fraqueza conhecida!

LXXXV.

De ninguem podereis satisfazer-vos
Sendo o que toca a Vós considerado,
Qu'a grave culpa, o erro de offender-vos
Com tormento nenhum fica igualado;
Porém como podeis só comprehender-vos
Ab eterno podia estar traçado
Algum modo que a Vós só he presente
Para satisfação da mortal gente.

LXXXVI.

Perecerem de todo, e acabar-se
Hũa obra de Vós tão approvada
Parece que podia reputar-se
Por cousa ou indecente, ou escusada;
Onde póde, Senhor, melhor mostrar-se
Vossa Misericordia Incomparada
Que n'hum mal, cujo horror, cuja aspereza
Fará que della mais lustre a grandeza?

LXXXVII.

Se por mostras de Summa Divindade
E confusão de spiritos damnados
Quizestes applicar Vossa Piedade
Áquelles barros que hoje estão quebrados,
Por accidente agora a crueldade
Nas penas crescerá dos condemnados
Vendo que a estes modo inda lhe derão
ra lograr os bens que elles perderão.

LXXXVIII.

Eu não digo, Senhor, que sem castigo
Passe tamanho excesso tão damnoso,
Que são iguaes em Vós sómente digo
Brandas Entranhas, Peito Valeroso;
E se a Justiça só levar comsigo
O que tendes, Senhor, de rigoroso,
Seria (o que não he) Vossa Clemencia
Vencida dentro em Vós d'outra potencia.

LXXXIX.

Disse; e o Padre Eterno dilatando
Por hum pouco a resposta, que esperavão,
Gravemente a Cabeça meneando
A que todos os Coros se humilhavão,
Do Sacrosancto Peito a Voz lançando
Taes Divinas Palavras se formavão:
Ouvido tenho, e d'ambas o respeito
Observado será com justo effeito.

XC.

Adão em tanto já bem conhecido
Da infima miseria em que se via,
De seus erros mortaes tão convencido
Quão falto das desculpas que daria,
De vergonha n'hum bosque recolhido
Aonde só de folhas se cobria,
Em tanta pena, em tão grave tormento
Assi rompe do peito o sentimento:

XCI.

Vida, dizia, de tão duro estado,
Cego desejo, pena merecida,
Quem podéra de ti vêr-se apartado
Quem nunca te tivera possuida!
Mas em que escura cova sepultado
Póde esta dôr ao pensamento unida
Ser de mim hum momento separada
Estando a causa n'alma eternisada?

XCII.

As inclemencias com que me ameassa
O mesmo Ceo, que vi prompto e benino,
A Terra ja de quanto dava escassa,
Os males que ja vejo, e que imagino,
Miserias são que o soffrimento passa
E a que lagrimas déra de contino,
Mas vêr-me sendo causa deste dano
He dôr, com que não póde hum peit'humano!

XCIII.

Quem, Senhor, ouvirá com rosto enchuto
As primicias que tenho offerecido?
Soberba, ingratidão foi o tributo
Que dei de quanto tinha recebido!
Quem não magoará vêr que hum só fruto
Me pareceo melhor por defendido,
E tendo tantos quantos desejasse
Pelo peior o summo bem trocasse?!

XCIV.

Como he possivel que me soffra a Terra?
Como não se abre ja para tragar-me?
Como as feras não vem com cruel guerra
Nas vorazes entranhas sepultar-me?
Como a luz que lhe fica não encerra
O Sol, como o Ar póde alimentar-me?
Mas negar-se-me tão justo castigo
Alguns castigos novos traz comsigo!

XCV.

Bem o triste desejo me cegava
Quando nestes remedios discorria,
Sem me lembrar que quanto desejava
Era esperar de feras cousa pia,
E que aos elementos se queixava
Quem mais asperamente os offendia;
Se forão sendo eu justo assi tratados
Que farão elles ja desordenados!

XCVI.

As lagrimas que a dôr acompanhavão
Não só dos tristes olhos parecião,
Innundações de Rios semelhavão
Que a pobre desnudez cobrir querião;
Os suspiros que os Ares penetravão
São vivas chammas que no Ceo ferião;
Estranha dôr, que com estranho effeito
Agua e fogo tirou d'hum mesmo peito.

XCVII.

Porém como esta guerra de elementos
Mais no centro encerrada se esforçava,
Ainda erão pequenos os tormentos
Com que o misero corpo atormentava,
Em respeito daquelles pensamentos
Que n'alma o mesmo damno accrescentava,
D'onde a mór pena destas penas era
Não sentir e chorar quanto quizera.

XCVIII.

E desta suspensão, que nos sentidos
O prompto imaginar accrescentára,
Como he proprio nos crimes commettidos
Antever mais quem mais se receára,
Torna aos primeiros passos, que movidos
Forão do Summo Ser, a quem errára,
Que chamando dizia: Não respondes,
Adão, aonde estás, porque te escondes?

XCIX.

Mas qual o fim da vida vio presente
E que escusar o transe não podia;
O passo move embaraçadamente,
A voz interrompida despedia;
Puras acções de impulso vehemente
São, que ainda nas partes assistia,
E d'elle mais que de animo sustenta
O que de vivo ainda representa.

C.

Assi Adão os passos vai guiando
Para o Recto Juizo á que he chamado,
Tremulo, vagaroso, e duvidando,
Que em duvida o castigo he mais pesado;
Jamais da terra o rosto levantando
(Que o vulto he testemunho do peccado)
Responde ao Creador, que só de vêr-se
A vergonha o fizera recolher-se.

CI.

Mas aquella Bondade tão Divina
A quem não póde haver caso escondido,
Condemna-lo porém não determina
Sem ser o Réo de sua escusa ouvido;
Com branda voz, e com acção benina
Lhe disse: Só te póde ter despido
O fruito da mortifera amargura;
Tens tu comido delle, por ventura?

CII.

Si, respondeo, e porque não achava
Com que poder melhor justificar-se,
Co'a Mulher seus erros desculpava;
(Que culpa para tal desculpa dar-se!)
A Mulher perguntada se escusava
Co'a Serpe; porém se desculpar-se
Com melhores rasões então soubera
Chorando, e não fallando, respondera.

CIII.

Alli a final sentença declarada
(Que a culpa deu em sendo commettida
Foi logo, e logo alli executada
Pena de crime tal bem merecida.
Á Serpe disse: A mais abominada
Serás de quantas cousas ha na vida,
Andarás sobre peitos arrastando,
Ficar-te-has só da terra sustentando.

CIV.

Hum odio ficará tão firme e forte
Entre o feminil sexo, e fórma tua,
Que por não se extinguir da propria morte
Nas especies conserve a força sua;
Dellas porém virá quem mude a sorte
Tornando em maior bem sorte tão crua,
E com jugo opprimindo a servís fera
Que a tantos damnos ja principio dera.

CV.

E proseguindo assi c'os condemnados
A Eva diz: Tu passarás teus dias
Sentindo tantas dôres, taes cuidados,
Quanto era o descanso em que te vias.
E tu, Adão, que contra meus mandados
Tão levemente aos seus obedecias,
Trocando este devido pensamento
Por palavras de leve fundamento;

CVI.

Da Terra viverás sempre morrendo,
E ella inda de ti como affrontada
(Mal a tantos trabalhos respondendo)
Se mostrará d'espinhos povoada,
Irá sempre em abrolhos convertendo
O que antes dava sem ser cultivada,
Até que em teu suor mal sustentado
Te convertas em pó de que és creado.

CVII.

De estado tão perfeito taes mudanças
Que oppressão, que cuidado lhe daria,
De vêr o bem maior em esperanças
Que antes seguro e certo possuia,
De tão justas e sanctas confianças
Vêr que até de si ja desconfia,
Não era pena, dôr, miseria e vida
Que seja de palavras comprehendida.

CVIII.

Ficou como Homem que da claridade
Onde o raio solar alumiava,
Entrando em moderada obscuridade
Lhe pareceo de todo que cegava;
Que da clara impressão a qualidade
No Cristalino Centro não obrava
Em seu opposto, até que despedido
Pouco e pouco usar pôde do sentido.

CIX.

Voltava os olhos d'onde foi lançado
Via d'hum Cherubim a espada ardente
Com que aquelle logar está guardado
Para outra mais ditosa e sancta gente,
Aonde até o fim tão desejado
Passem a vida alli suavemente;
Elles culpados ja tanto alcançárão
Sem culpa est'outros não no sustentárão.

CX.

A terra toda inculta, inhabitada,
De que o total remedio dependia,
A natureza mal exercitada
Ainda d'instrumentos carecia;
Das artes com que a vida he sustentada
Usar algũa dellas não podia,
Que a pressa dos trabalhos que lh'as pedem
He o meio de que ellas se lh'impedem.

CXI.

Mas o Divino Amor, que perdoando
Jamais o fez com termos limitados,
Como vemos que obra castigando
Menos castigos sempre que peccados,
Do fraco Homem os Olhos não tirando
Contra elle vê estarem rebellados
Sentidos e potencias com que obrava,
Que a original Justiça governava;

CXII.

E como o Capitão que conhecendo
Hum animo nos seus ja duvidoso,
Á memoria lhe vai sempre trazendo
Do inimigo o peito rigoroso;
Tal o Senhor que Adão via temendo
De tantas penas hum viver penoso,
N'hum extasi lhe faz que veja em vida
A morte pela culpa merecida.

CXIII.

Onde dentro de si mesmo encerrado
(Sem serem dos censorios pervertidas
As acções do espirito enlevado)
Tem c'os olhos no Ceo as mãos erguidas;
Em acto humilde, em modo transportado,
Que até as tristes lagrimas vertidas
Da grave dôr o curso suspendião
Porque inda de Homem vivo parecião.

CXIV.

Parece-lhe que sente perturbar-se
Quanto o pequeno Mundo em si comprehende,
Os elementos delle contrastar-se
De que seu individuo vive e pende,
E que do coração o dilatar-se
De cuja compressão tanto se offende
Era luz, a que o pabulo faltando,
Que então mais cresce quando está acabando.

CXV.

Que o sangue as partes ja não sustentava
Antes n'outra mais nobre parecía
Que unindo-o a natureza inda tentava
Se no logar mais forte escaparia,
Que sómente transpira, alli julgava,
Que o calor suffocado perecia,
E por consenso da vital potencia
Que a motiva animal perde assistencia.

CXVI.

Onde a rasão por falta dos sentidos
Leza faz as acções, e perturbada,
Sem governo os humores ja movidos
Tem a imaginativa viciada;
Ja se escurece o ar, ja são perdidos
Os movimentos d'afflicção passada,
Onde em tal modo vê, ouve, e sentia
Que as cousas de sua fórma pervertia.

CXVII.

Vê quando tudo está desordenado
De seus principios ja tão differente,
Que nem he dôr, nem transe imaginado,
Nem pallida visão se vê presente;
E que sem ser cadaver descarnado,
Nem trazer dura enchada, nem tridente,
Tem de ancia, confusão, e sentimento,
Quantos tormentos ha n'hum só tormento.

CANTO SEGUNDO.

—

JUIZO.

ARGUMENTO.

Em Cruz pendente, lá da Excelsa Altura,
Se mostra Christo a Adão, que arrependido,
Com enchentes de lagrimas procura
Deixar lavado o crime commettido;
Vê a Casa da Fé, e na esculptura
Resuscitado a Deos Morto, e Nascido;
E mostra-se-lhe em extasi o horrivel
Juizo, inda aos mais justos mais terrivel.

II.

Em tal temor, em tão nova esperança
Assi vacilla o fraco entendimento,
Que com perpetuo moto faz mudança
Da pena á gloria, e della ao sentimento;
Mas ja vencendo tudo a confiança
Da visão que alumia o pensamento,
No dôce fogo, em que de novo ardia
Na arrebatada mente assi dizia:

III.

Aqui, Senhor, aonde mais me offende
Vosso temor em passo tão estreito,
Aqui da Fé o fogo mais se acende
Quando melhor conheço meu defeito;
Vejo a quão pouco a dor nelle se este
Que todo o bom limita meu sujeito,
Mas onde não alcança esta fraqueza
Creio que supprirá Vossa Grande

IV.

Vejo neste naufragio destroçar-me
O tempo de meus crimes excessivo,
E aquelle mar immenso contrastar-me
Dos continuos temores em que vivo;
Lembro-vos que se foi amor crear-me,
Que he essencia d'amor ser compassivo;
E posto que eu faltei quando convinha,
Não põe limite em Vós a falta minha.

V.

Quem podéra, meu Deos, c'o pensamento
Acender n'alma hum fogo de tal sorte
Que só a dôr deste arrependimento
Fôra a causa total de minha morte;
Quem alcançára c'o entendimento
Se havia outro transe inda mais forte,
Para pedir, Senhor, que nelle entrasse
Onde o gosto da dôr sacrificasse.

X.

Ecclypsada do Ceo a luz serena,
Aberta a porta d'onde amor vivia,
O final transe tudo desordena
A vida foge, amor só não fugia;
Parece que na gloria dessa pena
Elle comsigo mesmo competia,
Vertendo mais então do lado exangue
De intenso fogo e ardor, que d'agua e sangue.

XI.

Bastava, oh Summo Bem, Vossa brandura
Na redempção de nosso atrevimento,
Sem dar por essa humana vestidura
Tantas portas na gloria a tal tormento,
Se não he que de todo amor procura
Que sejaes d'amor quinto elemento,
Ou sou, eu tal que sendo elle piedoso
O faço ser em Vós tão rigoroso?

XII.

Crear os Ceos de nada n'hum instante,
Pôr novo termo e lei aos elementos,
E sobre o ponto delle mais distante
Edificar Ethereos Aposentos;
Lá dessa Gloria immensa e radiante
Limitar do Inferno inda os tormentos,
Grandezas são á Fé communicadas
E a Vós as dessa Cruz só reservadas.

XIII.

Mas como he de Poder Omnipotente
Dar nas obscuras trevas do peccado
Certa radiação, que occultamente
Deixa o entendimento alumiado,
Quando c'os olhos da rasão presente
Se vê, e chora o tempo mal gastado,
Não só a Graça torna renovada
Mas fica em gráo maior communicada.

XIV.

Assi Adão, que Deos favorecendo
Sente d'amor o fogo deleitoso,
Onde ás passadas culpas vai fazendo
Sacrificio suave e rigoroso,
Não passa só chorando, nem gemendo
O cuidado de crime tão damnoso,
Mas de hũa penitencia áspera e forte
Era a misera vida a mesma morte.

XV.

Via sempre seus erros figurados
Em qualquer das acções que se occupava,
Que ja os mortaes membros trabalhados
A fraqueza mortal difficultava;
Se levantava os olhos tão cansados
Das lagrimas em que elle descansava,
No Ceo, no Ar, na Terra ja conhesse
Como a tudo seu crime se estendesse.

XVI.

Os viventes de que era obedecido
Não só este respeito lhe perdêrão,
Mas inda era mil vezes commettido
Da natural fereza em que nascêrão;
Olhando para si vê-se despido
Daquelles ornamentos que tiverão
A perfeição da Graça onde vivendo
Lh'os foi hũa ambição logo rompendo.

XVII.

Se dos sentidos tenta de apartar-se
Acha a mesma afflicção no pensamento,
Onde o cuidade faz representar-se
Irreparavel causa a do tormento;
A grande descendencia vê queixar-se
Castigada por seu atrevimento,
E nas estreitas contas que fazia
Mais o crime que a pena inda sentia.

XVIII.

Infinitos desejos o tentavão
A passar de seu termo a penitencia,
Logo justos receios o cercavão
Que nunca se descuida a consciencia;
Se quando os annos mais se acrescentavão
Mais durava a pesada residencia,
Desejava para isto eterna vida
E para o que he viver tê-la perdida.

XIX.

Aquella proporção, que ja lhe dera
Quem de tão bella fórma o tinha ornado,
Não só mostrando está que se perdera
No individuo em tudo tão mudado,
Mas d'hũa côr exangue, e pallida era
O penitente rosto acompanhado,
Que em pensamentos d'alma apoderados
Até os ossos são extenuados.

XX.

Aquellas pelles com que se cobria
Dadas per hũa Mão tão Poderosa,
Que póde em quem tão mal lh'o merecia
Mostrar-se em tal estado piedosa,
Forrou de ásperas silvas (que cingia
A carne de si mesma temerosa)
Cujos bicos que as veias vão rompendo
Ficão fontes de sangue parecendo.

XXI.

Os rigores do tempo experimentava
No mais do corpo que ellas não cobrião,
Os espinhos das brenhas onde andava
Por mil partes a carne lhe rompião;
Sem tento, sem sentido caminhava,
Que os sentidos tambem lhe suspendião
Aquelles tão profundos pensamentos
Onde era mór a força dos tormentos.

XXII.

Em alguns passos onde mais aceso
O fogo desta dôr n'alma padece,
Do corpo enfraquecido o grande peso
Prostra, mostrando bem que se conhece;
Tratando a vida assi com tal despreso
Que inda o trata-la duro lhe parece,
Com tal ancia os suspiros s'arrancavão
Que almas, e não suspiros semelhavão.

XXIII.

Rompe com dura pedra o brando peito
Aonde as tristes lagrimas dizião
Na ardente fragoa deste amor perfeito
Mais co'ellas as chammas s'acendião;
Tinha da terra nos joelhos feito
Signaes tão lastimosos, que se vião
Os nervos ja de todo descarnados
No chão c'o mesmo sangue estar pegados

XXIV.

Não hũa vez, mas muitas lhe succede
Que desfazendo o peito a pedra dura
Do Orizonte o Sol se lhe despede,
E da Terra despois a sombra escura;
Mas nem por isso, não, o curso impede
Daquella áspera acção, porque a brandura
Das cousas não está no modo dellas
Tanto, como no gosto de soffrellas.

XXV.

Quando tornava a fraca humanidade
Quasi vencida ja da natureza
Buscava as covas d'onde á claridade
Não segundasse em vêr sua fraqueza,
Porém vindo da noite a escuridade
Desejava outro Sol de mór clareza,
Para que sendo assi a luz mais bella
Fosse o pejo maior de se vêr nella.

XXVI.

Se reparava o corpo enfraquecido
C'o alimento á vida necessario,
Não só do melhor vive aborrecido,
Mas procurava ainda o mais contrario;
Nem colhe fruito algum, porque vencido
Do medo está, em que outro tributario
O fez áquelle transe, que passar-se
De vivente nenhum póde escusar-se.

XXVII.

De qualquer erva que mais perto achava
Com escaceza extrema se nútria,
Na sêde que as entranhas lh'abrazava
Nenhũa agua buscar jamais se via,
Parece que co'as folhas misturava
A fonte que dos olhos lhe corria,
Mas o fogo de que era distilada
Deixava a sêde mais acrescentada.

XXVIII.

Não separa do dia as temerosas
Trevas, que ind'aos brutos não domados
Das acções os suspendem trabalhosas
Por tornar ao trabalho descansados,
Que nellas e por serras escabrosas
Entregue só nas mãos de seus cuidados
Passa sem ordem algũa proseguindo
Os caminhos que em sangue vai tingindo.

XXIX.

E quando do descuido assi guiado,
Em que tantos cuidados o trazião,
Caminhava de tudo descuidado
Senão do que elles n'alma repetião,
De huns resplendores supito tocado
Tornava, e vio que d'onde lhe sahião
Era o sitio tal, tal a aspereza,
Que estava convidando a mór tristeza.

XXX.

Mas como traz comsigo hum pensamento
Que só de imagens tristes se sustenta,
Não só fugir d'algum contentamento
Mas nelle vêr que a pena mais se augmenta,
E morrendo de puro sentimento
Só do que se consume se sustenta,
Assi Adão a Lapa considera
Onde enterrar-se vivo só quizera.

XXXI.

Defronte achou da grã concavidade
D'hum candido vestido bem ornada
Hũa Mulher de Regia Magestade
Com estranha belleza acompanhada;
Tinha na mão de tanta claridade
Hũa tocha em tal modo fabricada,
Que não podendo o tempo desfazella
Os segredos do Ceo mostra a luz della.

XXXII.

E sendo a perfeição tão milagrosa
Do que a fórma excellente em si mostrava,
D'hum véo cobria a parte mais fermosa
Que no fermoso rosto se engastava;
Parece que esta vista duvidosa
Outra vista mais pura lhe estorvava,
Com que sem ir objectos percebendo
Incorporeos sujeitos fica vendo.

XXXIII.

Em voz que a tudo mais bem respondia
(Suspenso estando o grande penitente)
Lhe disse: A Summa Essencia a quem devia
Ser tua ingratidão sempre presente,
Não só naquelle sangue que vertia
Da Cruz (a que amor deu tão grã corrente)
Quiz mostrar-te o remedio soberano,
Mas que em figura fique a todo humano.

XXXIV.

As quaes verás neste áspero rochedo
Segund'o tempo e ordem repartidas
(Quanto a materia soffre d'hum penedo)
Com tosca perfeição ser esculpidas;
Muitos duvidarão deste segredo
Porque taes maravilhas recebidas
Sem mim não podem ser, pois as comprehen
Só quem ordena tudo, e tudo entende.

XXXV.

Em quanto assi fallando caminhavão
Por entre mil ruinas temerosas,
Onde arvores que ao Ceo se levantavão
Nascem fendendo as pedras escabrosas,
Chegárão junto á Lapa que cercavão
Correntes de tres Fontes saudosas,
Mostrando bem que em tal suavidade
Comprehende algũa occulta Divindade.

XXXVI.

No Orizonte o Monte levantado
Parecia c'o Céo ficar unido,
Com que de Estrellas varias coroado
Se mostra, e de mil luzes guarnecido;
Na tosca penedia está pegado
O verde musgo em modo compartido,
Que com perfeito ser nelle se veste
D'esmalte natural, ouro celeste.

XXXVII.

Dentro na dura Rocha se talhava
Da natureza em modo este aposento
Que da arte mais perfeita se igualava
C'o mais subido e prompto pensamento;
Em cada hum dos lados se mostrava
Com varias perfeições vario ornamento,
Onde tudo em tal modo se esculpia
Que a rasão dos sentidos se vencia.

XXXVIII.

De tão varia esculptura e excellente
Se lhe offerece na primeira entrada
Hum aposento d'obra preeminente
De traça e de grandeza desusada;
Nelle vendo-se está distinctamente
O quadrado da planta, onde a fachada
De cada lado os angulos fazião
Quatro torres, que ao Ceo subir querião.

XXXIX.

Corinthios capiteis se levantavão
Em Doricas columnas jaspeadas,
Que com modulos justos se mostravão
Sobre bases Romanas sustentadas;
Nos vãos que impares numeros guardavão
Devidas proporções são observadas,
De seis quialtra, e dupla he a grandura
Segundo no edificio tem d'altura.

OS NOVISSIMOS DO HOMEM.

XL.

No meio desta machina lustrosa
Em que aposentos mil se dividião,
Hũa Camara estava sumptuosa
Que inextimaveis obras guarnecião;
D'aromatica massa a deleitosa
Fragrancia varios fumos esparzião,
Onde hũa cama tal se estava vendo
Que a tudo mais ficava parecendo.

XLI.

Nella inquieto, e quasi agonisando
Hum Rei se vê, que neste passo estreito
Do natural tributo libertando
Não fica ter valor, nem regio peito;
Suspirava com lagrimas regando
Sem nunca descansar o grande leito;
Mas quanto melhor fôra bem gastada
A vida, que na morte bem chorada

XLII.

E n'outra parte á cama se chegava
Hum Homem, que virtude representa,
O qual quinze annos mais lh'asseguràva
Com que do temor passa a grã tormenta;
Este para firmeza lhe deixava
O signal de que se elle mais contenta,
Que era nas sombras onde discorrendo
O Sol iguaes espaços vai fazendo.

XLIII.

Tendo da linha decima tirado
A luz seu bello raio luminoso,
E posto que jamais se vió voltado
Atraz em seu caminho pressuroso,
Á primeira tornou sem ter tocado
Das nove o semicirculo lustroso,
Com transito de ordem tão alheio
Que entre estes dois extremos não deu meio

XLIV.

Mostrava mais a muda poesia
N'outra parte d'alli pouco apartada
Os irmãos a que hum delles lhe seria
A vida pelos outros condemnada,
Porque d'hum sonho seu lhe contaria
A novidade nunca imaginada.
Oh vantagens d'inveja perseguidas
Entre irmãos, e sonhadas não soffridas!

XLV.

Os quaes da crua inveja commovidos
A vida livre lhe tem feita escrava,
Tanto que em sangue tintos os vestidos
Por morto ao Filho o velho Pai chorava,
E com suspiros d'alma despedidos
Dizia: Quem soubera d'onde estava
Esta áspera, cruel, pessima fera,
Que nas mesmas entranhas me esco

XLVI.

Vê-se que ao grande Egypto foi trazido
E que da Regia Casa era comprado,
Aonde em summo gráo favorecido
Se vio em breve tempo levantado;
Da adultera Senhora commettido
(Tanto teme o perigo do peccado)
Não só animo tem de resistir-lhe
Mas por fugir ao risco inda fugir-lhe.

XLVII.

Porém ella da capa que lhe alcança
Cadeia quer fazer a seu intento,
Na mão lhe fica, e foge-lhe a esperança,
Como fugia o moço do aposento;
Honrada quer fingir esta vingança
Nascida de hum lascivo pensamento,
Fazendo co'a prenda, que elle deixa,
Quanto evidente a prova, injusta a quei

XLVIII.

Em áspera prisão sua innocencia
Os delictos alheios ja pagava,
D'onde quiz a Divina Providencia
Que por hum Regio sonho que soltava,
Não livre só daquella violencia
Se vio, mas commettido ja lhe estava
A prevenção das Villas e Cidades
Nas abundantes sete novidades.

XLIX.

Acaba este quadro o grande caso
Que aos Filhos de Jacob lhe succedia,
Fazendo-lhe levar hum aureo vaso
O Ministro no trigo que media;
Partírão, mas o Sol inda do occaso
Affastado o caminho proseguia,
Quando são dos Egyptos alcançados
Presos c'o furto, e a Joseph levados.

I.

o Sancto Joseph bem differente
que pedia delles a maldade,
por lhe perdoar benignamente
stima mais a Regia Magestade;
como a natureza não consente
Onde tudo não vence a crueldade)
O proprio sangue vêr tão affligido
Mais piedoso estava que offendido.

II.

Com bem igual mysterio e ornam
Na terceira parede se esculpia
Hum Monte, onde afigura o pen
Que sua altura as nuvens exced
Por elle caminhava a passo lent
Hum venerando velho, a quer
um menino, que a lenha lh
o cutello, e o fogo que

LII.

Bem innocente do que o caso esconde
(Que tanto o que se alcança he limitado)
Pois a victima, ao Pai dizia, aonde
Está? que o mais ja vejo apparelhado.
Erguendo ao Ceo os olhos lhe responde:
Disso, Filho, o Senhor terá cuidado.
Chegárão; pôs a Altar, o Filho atando
O duro ferro ja vai levantando.

LIII.

Mas quando o mortal golpe vem descendo
Que duas vidas juntas acabava;
Tanto mais a quem vive inda offendendo
Quanto n'alma tambem se executava,
Hum Celeste Correio soccorrendo
O innocente: Abrahão! Abrahão! gritava,
Detém do duro córte o duro effeito
Que basta a prova ja do sancto peito.

LIV.

Este Cordeiro ordena que padeça
(Por que assi se lhe pague o que he devido)
O Senhor, e que nelle se mereça
Como no Sacrificio offerecido;
Mas por que a obediencia se conheça
No favor que por ella he concedido,
Mais que as areias, e mais que as refulgentes
Estrellas, crescerão teus descendentes.

LV.

Oh sancta obediencia tão devida
A Deos, quanto de Deos he estimada,
Que póde segurar a eterna vida
Ainda sem effeito preparada!
Por ella Deos (de quem nunca á medida
Da obra, a obra vêmos ser pagada)
Lhe segura taes bens, quaes bem podia
Quem em poder e amor tudo excedia.

LVI.

Mostra ávante a profetica esculptura
Hum bravo Mar taes ondas levantando,
Que das visinhas Rochas a grandura
Parece que ficavão superando;
As areias do fundo a tanta altura
Vai o rapido moto arrebatando,
Como se a Terra ao Ceo subir quizesse
E que ao centro da Terra o Mar descesse.

LVII.

As espumantes aguas parecião
Quando os oppostos ventos encontravão,
Alpestres Montes que romper querião
Os transparentes Orbes que tocavão;
Os medonhos bramidos que fazião
C'os horrisonos raios concordavão,
Enchem do ar os écos a grã Casa
A natureza teme, o Ceo se abrasa.

LVIII.

Entre cavados Mares soçobrada
Hũa affligida Náo se estava vendo,
E logo envolta nelles levantada
No concavo do Ceo vai parecendo;
Da enxarcia no bordo pendurada
As vélas vão co'as arvores pendendo,
Cujos golpes crueis móres fizérão
Os perigos, se móres ser podérão.

LIX.

Tudo era confusão, tudo turbava
O frio medo da visinha morte,
Da cadeira o Piloto em vão gritava
Á gente, que os pendentes mastros corte;
O temeroso tempo se esforçava
Trazendo em serras d'agua a fatal sorte;
C'os balanços a Náo tanto pendia
Que mil vezes na quilha o Mar rompia.

LX.

Nesta afflicção remedio desusado
Hum Homem se está vendo que lançárão
No bravo Mar, o qual sendo tragado
D'hum peixe, a Náo quieta mareárão;
Este que ser em vida sepultado
Nas vorazes entranhas o julgárão,
Illeso e vivo o torna a pôr n'areia
A portentosa e horrida baleia.

LXI.

Adão, que quasi immoto estava vendo
O que o prompto Juiz o mal alcança,
Pelos meios da Fé só conhecendo
O Logar onde sóbe esta esperança,
Mais nas passadas culpas discorrendo
Quando he mór do remedio a confiança,
Como se do perdão desconfiára
As chora, ou qual se nunca antes chorára.

LXII.

Em cada acto daquelles se detinha
Parecendo que todos considera,
E quando immoto estava, então caminha
A dôr mais velozmente á sua esphera;
Só de magoas parece que sustinha
A vida, como em gostos ja fizera,
Assi nunca maior pena experimenta
Que quando mais descuido representa.

LXIII.

Outras vezes do impeto levado
(Como que dentro o fogo não cabia)
Geme e suspira em lagrimas banhado,
Assi passadas culpas repetia:
Do castigo, Senhor, tão dilatado
Para o que hum erro tal vos merecia,
Não temo, não, ser-me pesado e grave,
Temo que em vir de Vós seja suave.

LXIV.

E com rasão me leva o pensamento
A tão justo receio, e tão devido,
Pois não póde passar nenhum tormento
Do tormento que n'alma he padecido,
Aonde he sempre mór o sentimento
De não chegar a ponto mais subido
A dôr, que do mais forte e duro effeito
Com que della se está rasgando o peito.

LXV.

Não sinto, não, aquella pena immensa
Que de nós sempre deve ser temida,
Quanto vêr que nenhũa recompensa
A culpa de que esta alma anda opprimida;
E se tomára vê-la mais intensa,
Além de ser de mim tão merecida
Era por vos mostrar que em padecella
Crescia Vosso Amor igual co'ella.

LXVI.

Os valles nestas queixas respondião
Como que a mesma dôr representavão,
O murmurar das aguas que corrião
C'os interrotos écos se accordavão;
Aquellas solidões que entristecião
O silencio da noite, carregavão
De sorte aquelle inculto e duro assento
Que da tristeza só era aposento.

LXVII.

Passava nesta sêde tão ardente
Daquelle amor, que quando mais crescendo
Então o mesmo fogo brandamente
Mais sêde de si mesmo hia acendendo;
Das lagrimas a fervida corrente
Caminhos pelo rosto vai fazendo;
Unindo as mãos afflicto as apertava
Onde o tranzido rosto s'encostava.

LXVIII.

Quando entre muitas noites acontesse
Da perpetua vigilia trabalhado
Que ao somno o trabalho se rendesse
Passava n'hum penedo reclinado,
E como da memoria não perdesse
A grande ingratidão em que he culpado,
Não repousava, não, mas parecia
Que penava ainda mais quando dormia.

LXIX.

Hum dia emfim d'insomnios mais fòrçosos
Que o Céo tomou por meio do que ordena,
Por lhe fazer com transes rigorosos
Não só tratavel, mas suave a pena,
Nelles lhe mostra os passos temerosos
Do Juizo Final, onde lhe ordena
Que entre, nem bem desperto, nem dormindo,
Por que sonhando vá, e vá sentindo.

LXX.

Representa-lhe logo o pensamento
Do véo mortal a alma separada,
Livre vontade, puro entendimento,
Memoria de accidentes libertada;
Não tem logar profundo sentimento
Que he conta de justiça alli tomada,
Tribunal d'onde a Summa Magestade
Nega entrada á Divina Piedade.

LXXI.

Abrem-se livros onde estão lançados
Não só crimes atrozes commettidos,
Mas pensamentos mal encaminhados
E momentos em ocio despendidos;
A mesma consciencia dos peccados
Pede descarga, são alli ouvidos
Os inimigos d'alma que accusavão
As culpas, que hũa e hũa relatavão.

LXXII.

Quanto dos Homens esconder queria
Ella repete quando em vão ja chora,
Porque hum natural pejo m'o pedia,
A Deos a quem tocava mostro agora:
Dai-me, culpas, espaço; dai-me hum dia;
Se hum dia he muito, espera; dai-me hũ'hora,
Para que deste passo agonisado
Chore vêr que não foi sempre chorado.

LXXIII.

Negão dizendo: Tu nos approvaste,
Fomos de ti nascidas e creadas;
Quando sempre de nós te acompanhaste,
Onde nos queres deixar desamparadas?
Nunca pódes dizer que imaginaste
Que hiamos a bons fins encaminhadas,
E quanto então podendo não querias
Pagas querendo quando não podias.

LXXIV.

Torna a buscar o corpo que informava,
Quer com sua fraqueza defender-se,
Vê que fetida terra feita estava
A materia por quem tal chega a ver-se;
A terceira entidade procurava
Que a separação d'ambos fez perder-se,
Nem isto via, assi que elles faltando
Ella então pelos tres fica pagando.

LXXV.

Os instrumentos busca dos sentidos,
Informes todos acha, e tão mudados
Que servem só de vêr quão mal perdidos
Forão, podendo ser tão bem ganhados;
Parece-lhe vêr nelles esculpidos
Erros tanto sem tempo ponderados,
Que em logar do remedio que buscára
Á pena, nova pena acrescentára.

LXXVI.

A luz dos olhos que do Ceo se dera
Para chegar guiando á Summa Altura
Hũa calliginosa nevoa era,
Se nevoa póde haver tão triste e escura;
Os ouvidos por onde percebera
A Lei da obediencia sancta e pura
Só estradas de bichos parecião,
Tantos entravão nelles, e sahião!

LXXVII.

Os dois meatos de que se servia
A potencia do cheiro deleitosa,
Não só da triste morte parecia
Imagem triste, horrenda e temerosa,
Mas hũa fórma tal nelles se via
Que até a alma deixava lastimosa,
Porque inda livre, e ja desenganada
He ao misero corpo affeiçoada.

LXXVIII.

A fria lingua, que do ar formando
A leve voz, por cuja consonancia
Se vão d'alma os conceitos declarando
Ornados por seu meio de elegancia,
No concavo da boca está mostrando
Tão differente uso em sua estancia,
Que secca e negra as fauces apegavão
Á terra, e as aranhas que a cercavão.

LXXIX.

Do brando tacto a grande temperança
N'huma fria aspereza está mudado,
Tal he da feia morte a grã mudança
Da vida, tal o engano desejado;
Á vista destas cousas a esperança
Qu'a alma nellas poz em seu cuidado
Não só falta, mas inda lhe parece
Que aonde busca o remedio a pena crece.

LXXX.

Torna deste temor, deste perigo
Que quasi livre espirito pondera,
Treme só na lembrança do castigo
Que pela menor culpa merecera;
Acha nestes tormentos do inimigo
Que com tremendo aspecto a desespera
As offensas de Deos representadas
Por momentaneos gostos despresadas.

LXXXI.

Aqui eternidades vê presentes
Sem nunca vêr o fim do curso immenso,
Aonde em chammas (não qual fogo ardentes
Que he fogo sombra deste ardor intenso)
Se pagarão de erros insolentes,
Até leves palavras por extenso,
De huns na esperança a pena se sustenta
D'outros na falta della mais s'augmenta.

LXXXII.

Esta visão que o rapto lhe mostrava
Posto que qual visão se conhecia,
Com tal terror, com tal espanto obrava
Que effeitos verdadeiros excedia;
As ancias, em que as duvidas tratava
Da temida sentença que ouviria,
São taes, que estando em si tão levantado
A terra veio immoto, e desmaiado.

CANTO TERCEIRO.

—

INFERNO.

ARGUMENTO.

Quando Adão mais se entrega ao triste pranto
A sancta alma d'Abel o leva e guia
Lá ao centro do horror, Reino do espanto
Aonde nunca chega a luz do dia;
Mostra-lhe alli do infausto Radamanto
O cruel sceptro, e a magestade impia;
E para tudo emfim lhe ser notorio
Tambem lhe mostra o Limbo, e Purgatorio.

OS NOVISSIMOS DO HOMEM.

CANTO TERCEIRO.

I.

Mas ja da vida era a prisão gustosa
Do innocente Abel, rôta e quebrada
Pela mão fraternal, crua, invejosa,
Que a cega Inveja não perdoa a nada,
Quando em rara visão na deleitosa
Patria entrou, sublime, e suspirada;
Em transito áquell'alma concedido
Segredo penetrar tão escondido.

Alli aonde os bens da eternidade
Pendem da vista immensa, e veneranda,
Com que sustendo tudo em divindade
Tudo hum moto mental governa e manda;
Vê naquella não vista immensidade
Abel ao velho Adão, qual vive e anda,
Que se por si não entrão lá cuidados,
Entrão de caridade acompanhados.

III.

E commovido deste sentimento,
A nosso modo no sentir fallando,
Ante aquelle Divino Acatamento,
Pelo Pai desterrado está rogando;
Servindo-lhe de voz o pensamento,
Prostrado ao Grão Respeito, e Venerando,
C'o modo, e c'o resguardo que devia,
Assi attento, e humilde lhe dizia.

IV.

Senhor, cujos justissimos respeitos
Lá só se entendem d'onde são nascidos,
Cujos Decretos ab eterno feitos
Jamais podem de nós ser comprehendidos,
Pois que de culpas taes, de taes defeitos
Estão á Graça os Homens admittidos,
Chegue a vêr tambem o mais culpado
O bem d'hum justo, o mal d'hum condemnado.

V.

Porque o discurso humano como alcança
Sómente o que os censorios representão,
Seguindo dos objectos a mudança
Imigos segue, que mil damnos tentão,
Na fé que unida a si traz a esperança
Opposições diversas atormentão,
E quando premio e pena estão presentes
Vencem-se desta vista os accidentes.

VI.

Assi dizendo vê no mesmo instante
Que os piedosos rogos limitava
Naquella Pura Essencia, e Radiante
A concessão da graça, a que aspirava,
E que em caminho tal, tão importante,
Elle mesmo o guiasse lh'ordenava;
Ja despedido os Ceos passa, e ja dece
Ao Ceo, que de mais luzes se guarnece.

VII.

D'aqui as outras que com moto errado
Vão sempre em differenças concertadas
Deixa, e logo no Mundo elementado
Toca do fogo as chammas levantadas;
Entra naquelle espaço que occupado
He de tres regiões tão encontradas,
Que a ponderosa neve, e os tribulentos
Raios, tem nelle, proprios aposentos.

VIII.

E como vemos na manhã rosada
A luz solar as nuvens attrahendo,
Quando nellas se mostra retratada
Não só melhor então ficar-se vendo,
Mas qual torre no ar edificada,
Qual portentosa fera parecendo,
Os sentidos nos deixão enganados
Sendo só luz, e ares condensados;

IX.

Assi o bello espirito ditoso
De condensão mais pura ja cercado
A Imagem d'hum Corpo Glorioso,
Do ar circumvisinho tem formado,
A cujo resplendor raro, espantoso
Adão (que de improviso foi tocado)
Despertando, lhe fica, da luz pura
O coração turbado, a vista escura.

XLI

Porém como do Ceo a claridade
Que as almas veste de immortal belleza
Sendo effeito da Summa Divindade
Orna, e não dessemelha a natureza,
Adão, que ja daquella escuridade
Em que da vista o pôz a grã fraqueza
Tornava, quando Abel reconhecia
Mais duvidava quanto melhor via.

XLII

Elle que vê as duvidas, que crescem
No Pai (se ha duvidar quem se transporta)
Antes que ellas logar em si lhe dessem
Com taes rasões a conhecê-lo exhorta:
Aquella Providencia a quem obedecem
Do Ceo Empyrio á Tartarea Porta
Espiritos, viventes, e elementos,
Me manda a ti por seus justos intentos.

XII.

Eu sou aquelle em que duvidando
Te vejo estar, e com rasão duvidas,
Pois que de seus juizos alcançando
Não pódes ir as causas escondidas;
Anima-te, que lá te está aguardando
O premio dessas lagrimas vertidas,
Que quando por ser mais são mais pesadas
Mais levemente ao Ceo são levantadas.

XIII.

E por que proseguindo o justo intento
(Que he a dôr de teus erros conhecida).
Seja satisfação do pensamento
A mesma pena dessa austera vida,
Ainda que o mortal temperamento
Naturalmente esta jornada impida,
Penetrarás o Cristalino Muro
Depois de ter passado o Reino escuro.

XIV.

Alli verás sem ser da Fé guiado
Qual foi em teu favor a Summa Essencia,
Que estando de justiça condemnado
Dispensou na rasão sua clemencia;
E ficarás de ti mesmo assombrado
Vendo o rigor daquella Omnipotencia
Mais (para chorar mais) arrependido
E para obedecer mais advertido.

XV.

Segui-me, disse, e poucos passos dera
Que o Pai traz elle attento segundava,
Quando entre duas Rochas se mettera
Onde jamais do Sol a luz chegava;
E como nestas sombras percebera
Hũa concavidade, que cortava
Em fundo giro o Monte cavernoso
Parou Adão suspenso, e receoso.

XVI.

Mas vendo ja que o Filho commettia
Da tortuosa cova o passo estreito,
E da vista o sentido menos cria
Que a memoria onde via seu defeito,
Do culpado receio se temia,
Que a culpa traz o medo unido ao peito,
E com tremula voz, rouca e cansada,
Assi foi d'alma á pena trasladada:

XVII.

Espirito ditoso, Mensageiro
Daquelle Ser Immenso, e Soberano,
Tributario da morte, que primeiro
Experimentaste nella o commum dano;
Que juizo haverá tão forte, e inteiro
(Dentro dos termos do limite humano)
Que em duvidas não ponha o que está vendo
Quando impossivel fique parecendo?

XVIII.

Comtudo he tal a fraca natureza,
Que estando o espirito ja prompto e seguro,
Sujeito inda á natural fraqueza
Me parece este passo áspero e duro;
E assi como no mal, cuja grandeza
Não gastará nenhum tempo futuro,
Sou por justa sentença comprehendido,
Assi não perco o medo do sentido.

XIX.

Bem claro está que tendo a Deos errado,
Quando seu grande amor me não valera,
Que fôra vivo em fogo sepultado,
S'inda tão leve pena merecera;
A piedade vejo de que usado
Tem, e onde o rigor seu se estendera,
Mas que farei? que tudo representa
A culpa que me accusa, e m'atormenta.

XX.

Nem a vontade da rasão decente
Nesse caminho escuro e tenebroso,
Mas eu sou tal . . . aqui lhe não consente
Que diga mais o Filho piedoso,
Onde lhe replicou: Seguramente
Pódes seguir o passo duvidoso,
Pois a seguirmos a rasão inclina
O que o Grande Decreto determina.

XXI.

Entrar bem pódes com seguridade,
Que da medonha vista e feio aspeito
Redundará subir á Eternidade
Maior pesar do damno que tens feito;
E pois tanto não póde a humanidade
Entregue ja nas mãos de seu defeito,
Que nasça só de amor o sentimento
Nascerá no receio do tormento.

XXII.

Assi dizendo pela cova entrava,
O velho Pai traz elle caminhando
Sobre hũa mão o corpo sustentava
Em quanto outra 'a via vai tentando,
Aonde ora em passos se encurvava,
Ora direito n'outros vai passando,
E bem claro estas trevas lhe mostravão
As que o Reino das Trevas occupavão.

XXIII.

Havendo ja espaço que seguião
Este caminho triste e trabalhoso,
N'hum plano secco e árido se vião
Que córta hum Rio escuro, e caudaloso;
Por horridas cavernas se sumião
As negras aguas, cujo furioso
Romper nas duras Rochas parecia,
Que quanto ha de horror tudo excedia.

XXIV.

O Ceo, que campo e agua em si comprehende
Não he de bellas luzes esmaltado,
Antes da Rocha se dilata e estende
A materia de que era fabricado;
Distila hũa neblina, que se acende
No mesmo ar, de que he todo occupado,
E com virtude tal influe e gira
Que sempre fumo e fogo se respira.

XXV.

D'alli por hũa Gruta que cortada
Estava na asperesa dos penedos,
De condensadas nevoas occupada
Onde tem seu logar os torpes Medos,
A hũa porta chegão, que talhada
Se mostra entre ruinas e rochedos,
Onde ancias, queixas, prantos, só s' ouvião
Que os écos de seus antros repetião.

XXVI.

Era de negra côr, áspera e dura
Que ferreas barras toda atravessavão,
Onde igneos bicos esta contextura
Com temerosa vista penetravão;
Dá livre entrada a toda a creatura,
Cerrada sempre os de dentro achavão,
Esta letra com sangue tinha escrita:
« Aqui toda a esperança se limita! »

XXVII.

Sobre este grão prospecto cavernoso
Hũa Mulher sentada se mostrava
N'hum animal em tudo monstruoso
Que sobre varias aguas caminhava;
De sangue e fogo o mixto temeroso
Parece que na côr representava,
Ou aquelles incendios com que fica
A tarde que secura prognostica.

XXVIII.

Esta fórma, que em fórma desusada
(Onde sete cabeças se mostrávão)
Estava com dez pontas figurada
Que nodosas entenas semelhavão;
Da Atlante a grandeza celebrada
Com que apenas as nuvens se igualávão,
Á vista de tão grã monstruosidade
Ficára imperceptivel quantidade.

XXIX.

Ella da mesma côr do monstro horrendo
N'huma roupa adornada se vestia
Do metal que mais nobre parecendo
Mais vilezas nos mostra cada dia;
E delle varios ramos vão tecendo
Tudo o que a bordadura não cobria,
Onde as perolas grossas se esparzião
Que fructos destes troncos parecião.

XXX.

As joias que nas partes ordinarías
Estavão com policia repartidas,
C'os esmaltes que tem de côres varihs
As mesmas côres ficão mais subidas;
Assi não só Celestes Luminarias
Se julgarão do Sol sendo feridas,
Mas se a vista se crêra parecerão
Que quantas joias são, tantos Soes erão.

XXXI.

Na mão hum aureo vaso levantava,
(Divisa apropriada a taes sujeitos)
Que d'abominações cheio mostrava,
E de lascivias mil torpes effeitos;
O sangue bebe só que derramava
O tyranno poder dos firmes peitos
Dos Martyres daquelle Sol Eterno
Sustentação do Ceo, terror do Inferno.

XXXII.

Do ruinoso Monte estão pendendo
Penedos na grandura monstruosos,
Sobre a porta medonha parecendo
Ameaçar precipicios temerosos;
Por elles repartidos se estão vendo
Da Velhice os achaques trabalhosos,
As pallidas Doenças, e a Pobreza
Cruel incitadora da vileza.

XXXIII.

Os Trabalhos, a Morte insaciavel,
O Somno seu retrato, alli se via
A macilenta Fome intoleravel
Que vergonhosos crimes commettia;
A Guerra sanguinosa e implacavel
Com furibundo aspeito apparecia,
A Mentira mais feia e mais damnosa
No penedo mais alto está medrosa.

XXXIV.

D'hum lado e d'outro lado estão guardando
A triste porta, que he jamais cerrada,
As negras Furias, a que está abrazando
Do Odio a vil acção jamais cansada;
Onde a leve Discordia machinando
De negro sangue está toda manchada,
Cujos aspeitos tristes que atormentão
Outros novos Infernos representão.

XXXV.

Os Sonhos vãos, de quem tão cegamente
O vulgo em seus agouros se governa,
N'hum canto estão, que não se lhe consente
Melhor logar na horrida caverna;
Qual dos penedos della está pendente
No grão prospecto, qual na parte interna,
cillas, Hydra, Gorgões, a grã Chimera,
ifauce monstruosa, e cruel fera.

XXXVI.

Aqui Abel o medo reconhece
Que o Pai naturalmente retardava,
E com acção que assegurar merece
Quanto tamanho horror representava,
Lhe disse: Em nada o Summo Ser se esquece
Do que para este passo relevava,
Onde descer he cousa tão factivel
Quanto tornar atras tem de impossivel.

XXXVII.

Entrão emfim, e logo achão diante
O logar onde a pena temerosa
Os sequazes aguarda da ignorante
Lei, de superstições tão enganosa;
O tormento descobrem mais avante
Daquelles cuja má vida ociosa
Em nada deixou ser exercitados
Para ser de ignorantes condemnados.

XXXVIII.

E os que s'enganarem desejando
O que mil vezes a rasão duvida,
Por hum amor illicito trocando
O livre estado d'hũa justa vida,
Irão logo o rigor experimentando
Daquella pena com rasão temida;
Porém ainda assi nella affligidos
Não serão de seu erro arrependidos.

XXXIX.

E penetrando nesse ardor intenso,
Onde os sanguinolentos terão pena,
Via esforçado com vigor immenso
O modo em que o tormento se lhe ordena;
Alli martyrisada por extenso
Cada culpa será das que os condena,
Ser-lhe-ha cada momento cem mil annos
Sem esperarem fim de tantos dannos.

XL.

Mostrava-se outro fogo que succede
De maior intensão e mór effeito,
Para aquelles a que a malicia impede
Guardar em tudo a todos seu direito;
Estes como de Deos se lhe concede
Dar á distributiva justo effeito,
Usando mal de tão Divino Officio
Terá tão cruel pena o cruel vicio.

XLI.

Ávante estava logo parecendo
Hum incendio, que tanto levantava
O denegrido fumo, e fogo horrendo,
Que com rasão parece que admirava;
Adão com novo espanto percebendo
As penas que esta pena ameaçava
Ao Filho pergunta : Que peccados
Hão de ser em tal modo castigados?

XLII.

Responde: Este logar a que he negado
Signal por onde seja conhecido,
Como viste nos mais, está guardado
Para o mal, que atéqui vive escondido;
Nelle terá castigo o grão peccado
Da mesma natureza aborrecido,
Onde tambem virão pagar aquelles
Homecidas de quem se fiou delles.

XLIII.

Outra medonha estancia parecia,
Na qual com novas penas aguardavão
Aquelles, de que a Patria sentiria
Como contra ella o Rei aconselhavão,
E porque o sangue della se faria
Preço, com que outros cargos se compravão,
Não só será dos cumplices o dano
Tratado com rigor tão deshumano;

XLIV.

Mas por occulta e nova providencia
(Que ainda aqui com justa Lei governa)
Terão estes da propria consciencia
Outra pena maior, e mais interna;
Que como seu poder a preeminencia
Meios farão de tyrannia eterna,
Assi d'alma terão novo castigo
Além do que esta pena trad comsigo.

XLV.

Ah! se a Divina Essencia consentira
Que estes a seus arbitrios castigados
Fossem das negras Furias, cuja ira
Será insaciável nos culpados,
E que dos que governão lá se vira
O modo em que estes crimes são tratados,
Por ventura que fôra este receio
De tão enormes culpas duro freio.

XLVI.

Mas nest'outra officina que parece
Por mais duros Ministros governada,
Que em globosa fumaça trepa e crece
D'estridentes faiscas penetrada,
Será aquelle logar que se merece
Da gente voluntariamente errada,
Crueis despresadores da verdade;
Só por seguir tão bruta liberdade.

XLVII.

Oh fraqueza cruel, crua, homecida,
Que nem verdades poderão vencella,
Sendo o jugo suave, eterna a vida,
Por nojosas torpezas quer perdella!
E quando a Fé não fôra conhecida
Dos milagres que visto terão nella,
Bastára vêr Varões tão excellentes
provar idiotas insolentes.

XLVIII.

Infinitos logares se seguião
Onde os duros Ministros concorrendo
Differentes tormentos se lhe vião
Para as almas estão apercebendo;
Rios estas estancias dividião
Que em logar d'agua fogos vão enchendo,
Por que as chammas das penas desusadas
Fossem destas enchentes renovadas.

XLIX.

Emfim não póde haver culpa tão feia,
Nem traça nova d'animo damnado
Que ja nesta infernal e grã cadeia
Não tenha seu tormento apparelhado,
O desejo que em males se receia,
O fingimento misero e coitado,
A inveja tão falta de desculpa,
Que quanto cresce a pena, cresce a culpa.

X.

As machinas medonhas, os bramidos,
As rugidas de ferros arrastando,
As confusões horrendas, os gemidos,
Os uivos, nas cavernas retumbando,
Com intenso temor frios não cridos,
O fogo nas entranhas ateando,
A misera soberba que se augmenta
Hum novo Chaos d'Infernos representa.

XI.

Para vêr estas cousas aguardavão,
Que as azuladas chammas scintillassem,
De quem as tristes luzes não obravão
Tanto, que as trevas dellas se apartassem,
Cujos grossos vapôres occupavão
O ar espesso e negro, d'onde nascem
Taes corrupções corruptas de tal sorte
Que assemelhavão ser morte da morte.

LII.

o mais interno do profundo
ue o centro na sua noite encerra,
nasce aquelle furibundo
e em bocas rompe sobre a terra,
grande imigo que no mundo
ruel e entranhavel guerra;
ca póde nelle o mortal dano
iitigar do sangue humano.

LIII.

tal soberba padecia
ı o Reino dos Medos assombrava,
'emenda voz, que parecia
o que o Mundo arruinava,
Celeste Patria repetia
excesso quanto blasfemava,
queixas a dôr se vê presente
ive, e morre eternamente.

LIV.

Qual he o terço Globo cristalino
Penetrado da luz que tem diante,
Sem solução do corpo diamantino
Nem se ecclypsar o raio penetrante,
Assi Plutão ardendo de contino
Naquelle incendio horrendo e crepitant
Tem outro Mongibello ja no peito
Sem divisão algũa de sujeito.

LV.

A crua dôr as flammas mais ateia,
Quando o mortal sujeito considera,
Onde a obstinação se desenfreia,
Com que de novo o fogo mais se altera
Tudo o que a pena faz horrenda e feia
*Mostra*va nelle a quanto se estendera,
Mas em tormento tal, tão forte e ho
Maior pena padece, inda entendend

LVI.

ıqui Abel ao Pai, que confundido
'ia daquella vista temerosa,
)isse: Debaixo do mortal sentido
Jão cahe hũa afflicção tão espantosa;
'ódes só perceber que sendo crido
)este, que sua pena rigorosa
Ium momento com quantas vês trocára
Lue só nesta esperança descançára.

LVII.

'orém se onde o erro tem chegado
:hegar podéra algum entendimento,
/iras alli, d'onde elle está abrazado,
Iór a Misericordia, que o tormento;
'orque como era crime incomparado
) *d'onde* a pena traz seu nascimento,
uanto maior podéra padecella
ıta Misericordia se vê nella.

Estas visões que em roda o vão cercando,
Do tormento cruel Ministros duros,
Aquelles monstros varios, que guardando
Estão da triste cova os igneos muros,
Fôra hi-los por extenso nomeando
Haver mister os seculos futuros,
E inda em todos, e com voz de ferro
Cuidar em dizer tanto era grande erro.

LIX.

Assi dizia quando commettendo
Hũa abertura, que n'hum canto estava,
(Da qual quasi ao cabo forão vendo
O dia que jamais por ella entrava)
Derão na mesma parte em que temendo
Adão, a escura via duvidava,
Aonde dando á dôr logar e espanto
Assi rompia em lastimoso pranto.

LX.

Ah! quem podéra crêr quando vivia
Na sancta obediencia e justa vida
Que taes contas e tal desconto havia
Para a minima culpa commettida!
Quão mal tamanho excesso tentaria
Como arriscar a Graça ja perdida!
Que preceito difficil e escabroso
Não fôra facil, brando, e deleitoso!

LXI.

Tal he a impressão, tal o cuidado,
Tão posto no que vi tenho o sentido,
Que do mesmo temor desatinado
Me julgo em qualquer passo por perdido;
Vêr-me de todo da rasão privado
Fôra ser em rasão restituido,
Se sem ella podéra o pensamento
Communicar valor ao soffrimento.

LXII.

Eu não sei lá sóbre o Celeste Muro
Que gráos de Gloria são communicados,
Nem quaes descansos dê para o futuro
A firme resistencia de peccados;
Sei só porém, que quando esse Acto Puro,
De que são tantos Anjos sustentados,
Não fôra premio d'obras tão factiveis,
Que era assaz não vêr penas tão terriveis.

LXIII.

Abel lhe disse: Confusão tão nova
Bem he que n'alma tal effeito obrasse,
Que fazendo da dôr inteira prova
De lagrimas a vida sustentasse;
Resta só que te diga como a cova
Que aqui nos trouxe se communicasse
C'os logares á pena repartidos
Para esses reprovados, e escolhidos.

LXXIV.

De feia culpa contra Deos obrada
São as penas que viste a justa pena,
Mas com Misericordia executada,
Que he sempre base de quanto Elle ordena;
A Gloria por tão pouco preço dada,
Que só quem a despresa se condena,
He de hũa tenção boa, limpa, e inteira
Seguro porto, e patria verdadeira.

LXXV.

E como tudo lá se pésa e mede
Com modo tão exacto e tão devido,
Quanto o logar, e assistencia pede
Ou da pena, ou do premio merecido,
Aquelles a que a dura morte impede
Ser seu livre alvedrio conhecido,
Como sem culpa propria então perecem,
Nem Inferno, nem Gloria estes merecem.

LXVI.

Ficando assi na triste escuridade
Daquella cova sem nenhum tormento
Estarão toda a longa eternidade,
A que medir não póde o pensamento,
Se os Segredos de Deos, e Alta Bondade
Os não guardar por algum justo intento
Para occupar o Mundo eternamente,
Quando o fogo o deixar livre da gente.

LXVII.

Mas emfim vejo quasi afigurado
Como por entre nevoa, ou sombra escura
Trazer o lento tempo hum dôce estado
Tanto em favor de toda a creatura,
Que até aquelles a que então fôr dado
Por molle berço a fria sepultura
Poderão alcançar a Gloria Immensa
Que tanto aos Homens della Deos d'

LXVIII.

Aquell'outra prisão que alli ficava
Aonde o mesmo fogo se está vendo,
Do martyrio infernal nada distava
Seu intensivo ardor, medonho, horrendo;
Na esperança só differençava
Dos que no Reino escuro estão ardendo,
Que até naquellas penas desusadas
Tem logar esperanças bem fundadas.

LXIX.

Mas como no peccado commettido
Duas deformidades se conhecem,
No tormento por elle merecido
Dois castigos distinctos se padecem;
E quando hum pela Graça he remettido,
Aquelles, que se julga que o merecem,
Pagão alli das penas que devião
As que ás temporaes culpas respondião.

ARGUMENTO.

Sóbe ao Empirio Adão, e os movimentos
Vê dos Astros e Ceos delle pisados,
Vê a Essencia Divina, e os Assentos
Que hão d'occupar os Bemaventurados;
Dos bellos Seraphins vê os talentos
Em diversos officios occupados,
E vê cheia de Eterna Fermosura
Por antecipação a Virgem Pura.

OS NOVÍSSIMOS DO HOMEM.

CANTO QUARTO.

1.

Ja passa aquelle Globo que cercando
O mais leve elemento se movia,
Quando o segundo Orbe penetrando
Que o Planeta veloz em si trazia,
Vê que sobre outro centro vai voltando
As superficies ambas, e fazia
Com tão regular passo esta jornada
Quanto do commum centro desviada.

II.

Vê na globosa luz que alumiado
Mais do seu semicirculo mostrava,
Cujo lume de cá via ecclypsado
Sendo assi que este nunca lhe faltava;
E ainda que já tinha alcançado
Muito do que agora vendo estava,
A machina era tal, tal a grandeza,
Que suspendia a mesma natureza.

III.

Alli Abel lhe diz: Se dilatarte
Nestes Orbes primeiros determinas,
Até vêr demonstrado em cada parte
As especulações a que te inclinas,
Impossivel será d'aqui apartarte
No tempo que convém, e que imaginas;
Mas por que melhor possa perceber-se
O que a sciencia lá foi conhecer-se,

IV.

ıbe que este logar, que differente
'o Auge do Planeta se nomeia,
az que ora tardo, ora velozmente
' grande Orbe parece que rodeia;
; como aquella Luz mais excellente
[e maior que elle, sempre della cheia
'em mais de meio corpo, mas succede
er por parte que a vista nos impede.

V.

orém com seu diametro mais breve
em effeitos de nós mais conhecidos,
omo o cristal, que a luz em si recebe
delle os raios sahem mais unidos;
ssi este Planeta, porque teve
ogar mais baixo, são nelle influidos
os mais superiores os effeitos
om que commove mais nossos sujeitos.

VI.

Não torna atras, ainda que movido
Seja em seu epicyclo, perdendo
A ordem do caminho proseguido;
Que tanto o levador passa correndo;
Estes espaços onde vês perdido
O lume de que está resplandecendo
São da mesma materia condensada,
Mas não reflecte a luz de que he tocada.

VII.

Est'outro que passando a mesma via
Vai sempre contra o lucido Oriente,
Como viste na Lua que fazia,
Posto que de lá vem por accidente,
C'o grão Planeta que nos traz o dia,
Assi se move uniformemente,
Que o grande Orbe de sua actividade
Quasi sempre lhe opprime a claridade.

VIII.

De cá deste logar no entendimento
Faz sua acção, (virtude milagrosa)
Não porque possa n'alma o movimento
D'Estrella virtual, ou luminosa;
Senão porque o mortal temperamento
Põe na imaginativa poderosa
Qualquer sujeito em modo viciado
Que obra o discurso nelle como errado;

IX.

Bem como aquelle que febricitando
Onde a colera está prevalecendo,
Na secca boca tudo ja amargando
Amargo julga quanto vai comendo;
Sendo assi que não fica nisto errando
O agente discurso, mas fazendo
Esta acção per hum meio pervertido
Os enganos recebe do sentido.

X.

Se lá da Terra este Mercurio olhamos,
Tem segundo logar, como estás vendo;
Mas se dos Ceos na ordem computamos,
Fica na nona Esphera parecendo;
Assi como no curso que lhe achamos
Por espaço maior retrocedendo
Caminha, assi converte seus effeitos
Segundo a natureza dos aspeitos.

XI.

Est'outra Estrella, que ora conhecemos,
Por mensageira do alegre dia,
E que ora occidental seu curso vemos,
Quando para os mortaes a noite guia,
Se lá na Terra por maior a temos
Das com que o bello Ceo nos alumia,
Tirando a prima e quarta Luz mais bella,
He porque a Terra está mais perto della.

XII.

Tem seus Orbes qual vês, que não differe
Nisto das outras sobre que anda erguida,
Assi como a qualquer dellas prefere
Na área que em seu circulo he mettida;
Porém por mais que dellas se modere
O curso, sempre ficará vencida
No lento caminhar, se não succede
Que do seu epicyclo se lhe impede.

XIII.

São suas influencias excellentes
Taes, que foi só daquella superada,
Que no sexto logar será das gentes
Pola maior fortuna nomeada;
Ambos seus movimentos differentes
C'os visinhos a tem quasi igualada,
De sorte que do Sol na mór longura
Jamais triangulou sua luz pura.

XIV.

Est'outro medidor do pressuroso
Tempo (que a lento andar passa correndo)
Voltando o bello corpo luminoso
Com moto tão igual, como estás vendo,
Em rasão de seu centro duvidoso
Será nelle salvar como movendo
Em dois tempos iguaes súa belleza
Mostre mais n'hum que n'outro ligeireza.

XV.

E que sendo em seu giro arrebatado
Do Celeste Motor que jamais erra,
Outro caminho faça regulado
Com esse Ceo primeiro em que se encerra,
Será com grande espanto lá observado
Como por linha recta desce á Terra,
Nascendo-lhe tão grande novidade
D'achar nos Orbes tal desigualdade.

XVI.

Este da rôxa cor sanguinolenta
Que em Orbes semelhantes vai voltando
He Marte, que da guerra turbulenta
Nesse quinto logar tem regio mando;
Porque influindo colera violenta
No Homem naturalmente alterando,
Serão os fins a que co'ella inclina
Dos miseros mortaes total ruina.

XVII.

Seu excentrico traz passo tão lento
Que dando no epicyclo volta errada
Fica por muito espaço o movimento
Seguido contra a ordem começada,
Obrando nelle tal impedimento
Outra maldade em grão tão superada,
Que em quanto imprime então tudo destrue
No tempo que este tempo errado influe.

XVIII.

Olha bem que benigna e radiante
He a luz do Planeta a que chegamos,
Á natureza humana semelhante,
Seu temperado influxo que logramos,
Faz-lhe ficar da Terra tão distante,
Que esta grandeza sua lá ignoramos,
Mas de tão longe o julga a mortal gente
(Attributo do bem) por excellente.

XIX.

E como se não dá que algum aspeito
Do venenoso Marte aproveitasse,
De Jupiter jamais se vio effeito
Que das cousas a ordem perturbasse;
Que aonde tem logar hum bem perfeito
Mal póde seu contrario sujeitar-se,
Antes vive hum do outro tão alheio
Que nunca em seus extremos s'achou meio.

XX.

Aqui verás agora, lhe dizia,
Nesta erratica Estrella derradeira,
A maligna influencia, secca e fria,
E que em mais tempo faz a volta inteira;
Opposta em natureza á luz do dia,
Do silencio da noite companheira,
Infortuna maior, cuja presença
Só o que encontra a vida nos dispensa.

XXI.

E qual a Venus Jupiter precede
Na benigna influencia temperada,
Assi a Marte este Saturno excede
Na má radiação, e depravada;
Polo mesmo caminho os passos mede
Da ordem dos mais Orbes declarada.
O combusto Mercurio só tirando
Que com cinco ou dois centros vai voltando.

XXII.

Olha pois que passamos deste assento,
Que he o setimo Ceo de lá contado,
E o quarto de cá se o movimento
Que todos vão seguindo fôr olhado;
Tem Orbes vinte todo este aposento,
Afóra os epicyclos, se ajuntado
Hum numero lhe fôr tal que o primeiro
Siga, que se divide por inteiro.

XXIII.

Agora d'aqui deve conhecer-se
Qual seja hum Mundo, cuja brevidade
He tal, que d'hum logar que póde vêr-se
Representa insensivel quantidade;
Ou que gosto de hum gosto póde ter-se
*Cuja esperança fôr de qualidade
Que seja capaz della tal sujeito,
Pois sempre a causa he mór que seu effeito.*

XXIV.

Oh cego engano de hum mortal cuidado,
Limitada prisão do pensamento,
Sonho, mas inda sonho abreviado
Julgando-se com livre entendimento;
Olha se tudo aquillo fosse dado
N'hum mando só, a cujo movimento
Até o mesmo Fado se movesse
A quão pouco o que póde s'estendesse.

XXV.

Em Imperios, em Reinos dividido,
Em Provincias, em mandos limitados,
Que póde ser aquillo que era unido
Hum manifesto engano de cuidados?
O tempo após o tempo mal perdido,
Desenganos jamais desenganados,
Que vêdes ir parar na sepultura
Os maiores favores da ventura.

XXVI.

Se para a vida ou morte, em que vivendo
Em vida tão sujeita e limitada,
Tantas luzes tão bellas estás vendo
Com que ella he d'influencias sustentada,
Que ficará hũa alma merecendo
D'hum Ser incorruptivel fabricada?
E vós quereis, mortaes, aventurala,
Polo que as mesmas luzes não iguala!

XXVII.

Quem podéra mostrar, alumiando
Nas tristes sombras lá desses enleios,
Quão cegamente os passos vai mudando
Quem para os bens da vida busca meios!
S'inda vos não vão desenganando
Nas vossas pretenções casos alheios,
Baste o como do Ceo os vêrmos dar-se
Para que mais não possão bens chamar-se.

XXVIII.

Mas porque estamos ja quasi subidos
Aonde outras materias differentes
Nos terão occupados os sentidos
Em differenças mil tão excellentes,
Dos discursos, em que hiamos mettidos,
Nos tornemos ao Ceo, onde presentes
Temos, além de fixas as Estrellas,
Mil especulações que se vêem nellas.

XXIX.

Todas fazem conforme movimento
Como partes do Ceo mais condensadas,
Ficando neste grande Firmamento
Dessa fonte da luz alumiadas;
Voltão com mór vagar o passo lento
Que todas as que atraz temos deixadas,
Cujos Polos aqui são signalados
Dos do primeiro movel desviados.

XXX.

Estes seus eixos ficão debuchando
Os dois menores circulos presentes,
Como em seus metas faz o Sol voltando
Outros que o nome lhe darão d'ardentes;
Seis mais o bello Orbe estão marcando
Da Machina total iguaes fendentes,
Dos quaes, posto que tem igual longura,
Este só considerão com largura.

XXXI.

Mas com rasão aqui pódes pararte,
Que entramos n'outro Ceo tão differente,
Quanto deve a materia de admirarte
E a obra não menos excellente;
Pois d'agua dividida aquella parte
A tem posto em logar tão preeminente
O Summo Creador de quanto vêmos,
Que ja por nona Esphera a conhecemos.

XXXII.

Esta tambem a volta vai fazendo
Que o primeiro motor faz apressado,
Posto que vá contra elle procedendo
O movimento seu determinado;
Ficar-se-ha da rasão só percebendo
De quem he subtilmente especulado
Que seu vêr, e seu modo de mover-se
Por est'outras só póde conhecer-se.

XXXIII.

Agora estás entrado onde a grandeza
Da Machina total tão excellente
De hũa imperceptivel ligeireza
Em seus Polos movida do Oriente
Sobre o centro da grande redondeza
Todos leva traz si regularmente;
Basta affirmar-te, para conhecê-la,
Que não chega o sentido a percebê-la.

XXXIV.

Neste decimo Ceo, movel primeiro,
São iguaes divisões consideradas
Aquellas que formando hum corpo inteiro
No Firmamento vimos collocadas;
Coluros, Orizonte verdadeiro,
Tropicos igneos, Zonas congeladas,
O que divide o dia, e abrazada
Linha, dos animaes doze a morada.

XXXV.

Não he deste a substancia differente
Dos oito que até aqui temos contados,
Chamar-lhe-hão quinta essencia propriamente
Por corpos que não são elementados;
Poder-se-hão corromper difficilmente,
Lucidos, leves são, e conglobados,
Onde unida á dureza a claridade
Faz de mór perfeição tanta beldade.

XXXVI.

Esta Esphera que vês rapida e leve
Guarda tal proporção e tal medida,
Que hũa volta mais d'outra não deteve,
Depois que em giro tal se vio movida;
Mas nesse espaço assi, inda que breve,
Faz que essa luz do Sol seja estendida
Pelo terrestre Globo por taes modos,
Que cada curso seja igual a todos.

XXXVII.

Assi dizia quando penetravão
Esse ultimo Ceo, e já se vião
Lá do concavo d'outro aonde achavão
Nova luz que mil luzes difundião;
Com tal belleza tudo alumiavão
Que não só as entradas parecião
Daquelle Throno Excelso Incomprehensivel,
Mas crêr que havia mais era impossivel.

XXXVIII.

Porém como os mortaes jamais podemos
Tratar de Deos sem Deos, delle ajudado,
Foi Adão neste passo, aonde o vemos
Para tão grande acção tão animado.
Entrão; e como quando o Sol cá temos
D'hũa nuvem cuberto e ecclypsado,
Que os olhos tendo nella elle apparece,
Tremula fica a vista, e se escurece;

XXXIX.

Assi elle ficou quasi perdendo
Não só a fraca vista com que entrára,
Mas a mesma rasão escurecendo
S'estava só de vêr onde chegára:
Permitte-lhe quem póde que vá vendo
O que por Seus Juizos ordenára,
E quando mais em si se considera,
Então, se se conhece, mais pondera.

XL.

e do grande Empirio o pavimento,
materia tal, tão sublimada,
m seus limites o entendimento,
á pedraria comparada;
iamantes lá nesse aposento,
inda pedra houvera mais presada,
tindo do Sol a luz mais pura
ombras são daquella fermosura.

XLI.

to á vista mortal se offerecia,
lo os outros sentidos não tivera,
o perfeita gloria a julgaria
se tudo o della percebera;
e sente, do que ouve, e do que via,
que qual mortal o considera,
como estas cousas comparadas
hegão nunca a ser, nem nomeadas.

XLII.

Que mal póde de nós considerar-se
O que tão longe está do que s'entende,
Nem com nome adequado declarar-se
O que os mesmos espiritos suspende;
Vêmos por Ceo, por Gloria nomear-se,
Porque nosso limite não se estende
Em quanto á nós a termos mais subidos,
Mas não que fiquem delles exprimidos.

XLIII.

Nesta Côrte Suprema, onde pendendo
Todos estão daquella Divindade,
De que huns mais, outros menos percebendo
Satisfeitos se vêem com igualdade,
Grande cópia d'assentos forão vendo
Que não occupa algũa Deidade;
De maravilha tal Adão suspenso
Pergunta as causas della por extenso.

XLIV.

Abel, a quem de Deos he permittido
Que dos Altos Mysterios declarasse
Quanto debaixo do mortal sentido
Por meios naturaes se sujeitasse,
Ao Pai, de novidade suspendido,
Antes que mais ávante se passasse,
Com termo e voz iguaes a tal effeito
Assi neste segredo abrio o peito:

XLV.

Antes que o tempo o tempo signalando
Fosse per successão tão variada,
Antes que a taes bellezas fórma dando
A deste Empirio Ceo fosse creada,
Antes dos mesmos Anjos, que gozando
De Deos estão, que os creou de nada,
'empo, cursos, Empirio, e de idades
ão tinha fórma, ser, nem qualidades.

XLVI.

Só era aquella Essencia Omnipotente
Hum Divino Logar a que Ella enchia,
Hũa Gloria suprema e permanente,
E quem gozava quanto nella havia;
Aposento infinito e excellente,
Magestade que nelle lhe assistia,
Ser, que estando em Si só tudo occupava,
Onde eminenter todo o Ser estava.

XLVII.

Quando d'hum *fiat* só, n'hum só momento
Foi tudo o que estás vendo fabricado;
Sendo no mesmo instante este aposento
D'Angelicas Substancias povoado;
Mas em logar daquelle acatamento
Devido ao Creador do que he creado,
A creatura que em rasão mais deve
Fazer opposição a Deos se atreve.

XLVIII.

D'inveja e de soberba commovido
(Veneno que inda os Anjos não perdoa)
Vãmente de si mesmo persuadido
Contra o Supremo Ser guerra apregoa;
Infinitos seguirão seu partido,
Pedem do Ceo para elle a Grã Coroa;
Que tanto a liberdade he arriscada
Antes de ser em Graça confirmada.

XLIX.

Para esta commoção não lhe faltava
Tempo, armas, conselho, e bastimentos,
Qu'em cad'hum dos espiritos estava
Tudo só nos damnados pensamentos;
Do Divino Poder não retumbava
A trompa nos Empirios Aposentos,
Nem se vião bandeiras tremulantes
Nem refulgentes armas de diamantes.

L.

Mas bem como o calor que sustentando
Está sem corrupção todo o vivente,
As uniformes partes preservando
Onde animal virtude move e sente,
No mesmo ponto que elle vai faltando
Perece o individuo juntamente,
Que a falta deste bem faz mór effeito
Que quantos males ha n'hum só sujeito;

LI.

Assi deixando a guerra turbulenta
E o valor dos Anjos que a governa,
Nenhũa força o Padre Eterno tenta
Para lhe dar castigo, e pena eterna;
Bastou faltar-lhe a Graça, que os sustenta,
Para que lá nessa horrida caverna
De sua indignidade compellidos
Fossem com fero estrondo confundidos.

LII.

E porque o Creador em tudo obrasse
Conforme a tal Poder tão Soberano,
Quiz que da baixa Terra se formasse
Quem reparasse a falta deste dano;
E que dos condemnados castigasse
A perfida soberba o ser humano,
Logrando estes Assentos Milagrosos,
Immortaes, Impassiveis, Gloriosos.

LIII.

Mas ah! com quanta dôr chorar devia,
Se a dôr neste logar tivera entrada,
Aquelle infausto e temeroso dia
Em que esta grande porta foi cerrada!
Qual hũa vida em Graça passaria
Quem tinha a mesma vida assegurada
De a vêr transplantar no fim da idade
Naquella mais Suprema Eternidade!

LIV.

Porém ainda assi quando apartadas
Fôrem dessa terrena vestidura
As almas, poderão vêr-se sentadas
Nestas Cadeiras cá da Summa Altura;
Serão muitas primeiro condemnadas;
Outras detidas em prisão escura,
Até que a luz do Mundo aluminando
Para a Celeste Patria as vá guiando.

LV.

Vêr-s'hão estes logares repartidos,
Segundo foi o modo d'alcança-los,
Huns com duros tormentos merecidos,
Outros só ensinando a despresa-los;
Quaes com suspiros d'alma despedidos
Terão ditosa sorte de logra-los,
Que então já bastará hum só gemido
Para alcançar estado tão subido.

LVI.

Os vencedores do mortal combate
Que a carne dá por modos differentes,
Inimigo que d'alma os muros bate
De sorte que acha poucos resistentes,
Naquella ordem onde a luz dilate
A impressão dos raios refulgentes,
Com palmas virginaes alli sentados
Serão com bens eternos premiados.

LVII.

Aquelle Assento que essa intelligencia
Por mais bella de todos occupava,
Lusbel, cuja perfeita e bella essencia
Nenhum dos outros Anjos igualava,
Guardada está da Summa Sapiencia
Para hum Homem que o Mundo duvidava,
Se no humano o Divino lhe escondece
Tanto (humano) Divino lhe parece.

LVIII.

Porque alli onde mais da Divindade
Maior porção da Graça se permitte,
Esteja aquelle que em tão tenra idade
Vencêra o mortal, cego apetite;
Delle fiará Deos sua verdade
Para que com seu credito acredite,
Apostolo, Discipulo, Innocente,
Martyr, Confessor, Virgem, Penitente.

LIX.

Aquelle emfim que do preceito dado
Remirá o segundo atrevimento,
Com que (além delle ser por ti quebrado)
A ser Deos levantaste o pensamento;
Porque a soberba tal tendo chegado
Do Homem vão o criminoso intento,
Tão humilde convem que outro s'achasse,
Que o nome, a que aspiraste, elle engeitasse

LX.

Aquell'outras Cadeiras, lhe dizia,
Onde vem a cerrar os quatro lados,
Occuparão aquelles que algum dia
Quatro Raios da Fé serão chamados;
Logo aquell'outras des a companhia
Terá dos outros, que serão buscados
Para estender a Luz mal conhecida,
Que he só caminho desta eterna vida.

LXI.

D'alli se mostra logo divididas
Aquellas Jerarchias, que gozando
Estão (a nove Coros reduzidas)
Essa Divina Luz que vão cercando;
Da qual polas Substancias repartidas
Suas illustrações ficão obrando
(*Inda* que differentes) tal effeito,
Que não deseja mais qualquer sujeito.

LXII.

Posto que estas Substancias são creadas,
Immortal, incorporea he tal belleza,
Mas da mortal soberba preservadas
Forão por Graça, e não por natureza;
Nellas se vêem as chammas improntadas
Do lume occulto da Maior Grandeza,
Espelhos são em cuja claridade
Se representa a Summa Magestade.

LXIII.

São por incommutaveis semelhantes
Como tem por seu Ser ser impassiveis,
Simplices, separados, ministrantes
A Deos, de arbitrios livres, invisiveis;
Mas ficão huns dos outros bem distantes
Naquelles grandes dons incomprehensiveis
Da natureza pura e excellente
E da porção da Graça preeminente.

LXIV.

Mas daquella Suprema, Incomparada
Causa de effeitos taes, tão milagrosos,
De cuja Pura Essencia Inseparada
Dependem estes Espiritos ditosos,
Nenhũa natureza foi creada
Nos sujeitos, que vês tão gloriosos,
Em que do Ser não sejão differentes
Operações, virtudes excellentes.

LXV.

No circulo primeiro que s'estende
Em tres circulos outros dividido,
Sobre esse Grande Centro que comprehende
Tudo, sem ser de nada comprehendido,
Estão os Seraphins, que amor acende
Da Divina Visão, d'onde he nascido,
Com ardor tão suave e tão perfeito,
Que não se apartão nunca deste effeito.

LXVI.

Os Cherubins, que tanto resplandecem
Pela reflecta luz da Luz mais bella,
São os segundos, e que mais conhecem
Da verdade que sempre se vê nella;
Aos inferiores delles decem
As abundancias que redundão della;
Estes commovem o mortal talento
Para que suba a Déos o pensamento.

LXVII.

Est'outros, diz, da divisão primeira,
Que em terceiro logar lhe derão,
Transfundem a verdade pura, inteira
Nos que para isto já lhe succederão;
Sobre elles se sustenta a Grã Cadeira
Do Summo Ser, por quem seu Ser tiverão
Thronos são de taes bens merecedores,
Dos Juizos de Déos executores.

LXVIII.

Olha estes que mór circulo occupando
Assistem como os outros separados,
Segunda Jerarchia dividindo
Suas dominações e principados;
E aquellas Potestades que enfreando
A grã furia d'espiritos damnados
Fazem que sua immensa crueldade
Não supére da força á humanidade.

LXIX.

Daquella divisão ja declarada
Cujos nomes deixamos referidos,
He esta mais interna encarregada
Dos officios nos Anjos repartidos;
Foi est'outra do meio reservada
Para que seus poderes dirigidos
Ás cabeças dos Povos sempre sejão,
Tanto importa que aos subditos bem rejão.

LXX.

Mas nesta Jerarchia, que parece
Superficie de tal circumferencia,
No concavo preside e resplandece
Das virtudes a nobre preeminencia;
A grande operação que se conhece
Dos milagres da Summa Omnipotencia
He desta ordem primeira, cujo officio
A quanto inclue o Ceó sempre he propicio.

LXXI.

Aquelles, de que as vês estar cercadas,
Archanjos são, Ministros escolhidos
Para essas tão Divinas Embaixadas
Dos Divinos Juizos escondidos;
Os Anjos, a que são encommendadas
As Guardas dos mortaes tão perseguidos,
Neste ultimo circulo assistindo
Ficão os nove Coros incluindo.

LXXII.

Sem discurso os effeitos estão vendo
Quando das causas tem conhecimento,
Que he meio o conhecer não discorrendo
Entre o mór e menor entendimento;
Discursando os mortaes vão conhecendo
Em quanto o corpo he d'alma impedimento,
Deos todos os futuros contingentes
Fóra das mesmas causas tem presentes.

LXXIII.

Porém daquella Essencia Incomprehensivel
Que potencia mortal não póde vella,
Declarar-te o sujeito he impossivel
Quando os Anjos não podem comprehendella;
He hũa Luz Eterna Inaccessivel,
Não ha logar que esteja falto della,
E onde não assiste deleitando
Está por assistencia castigando.

LXXIV.

He Substancia que tudo em Si comprehende,
Firmeza que jamais se vio mudada,
Ser que pelos logares não s'estende,
Virtude em quanto ha communicada,
Voz que sem voz os corações nos rende,
Quem paga sempre sem nos dever nada,
As obras muda sem mudar vontade,
Grandeza sem nenhũa quantidade.

LXXV.

He Circulo em tal modo fabricado,
Que sua Universal Circumferencia
Não tendo nenhum Centro signalado
Tem em todo logar firme assistencia;
He Acto Puro, Immenso, Incomparado,
Não se comprehende em termos Sua Essencia,
Em tudo está presente, em tudo attento,
Sem sitio, applicação, nem movimento.

LXXVI.

Alli onde de todo se escurece
A pura vista, e pura natureza,
Do sujeito que destes te parece
Estar dotado de maior belleza;
Ab eterno se vê que resplandece
Hum Ser Humano posto em tal pureza,
Que os Anjos serão della preferidos,
Quanto os Homens dos Anjos excedidos:

LXXVII.

Tendo logar naquella Eternidade
Que a Inexhausta Luz em Si comprehende,
Se vestira da Summa Qualidade
A que juizo humano não se estende;
He das Estrellas tal a claridade
Em que o Grão Diadema ja s'accende,
Que se dellas o Sol a luz tomára
A luz que tem de todo se eclypsára.

LXXVIII.

Sobre esses Thronos mais superiores
Terá seu Throno aquella Creatura,
Aonde Graças ha tanto maiores,
Qual a de quem foi Mãi, e Virgem Pura;
Serão de Gloria os gráos com taes favores
Que todos, toda unindo a tanta altura,
Não só que lhe não chega elles não negão,
Mas que onde ella começa, elles não chegão.

LXXIX.

Á vista destes bens não se conhece
Nenhum desejo, posto que decente,
Que antes de desejado se offerece,
Quanto em puros desejos se consente;
Não ha cousa que canse, ou que tempece
O pensamento, nem por accidente;
Tudo he alegre, justo, e perduravel,
N'hum summo gráo de Gloria inexplicavel.

LXXX.

Não ha noite que a luz vá perturbando,
Nem luz que extensão tenha limitada,
Nenhũa cousa o tempo vai mudando,
Nem ha vontade d'outra separada;
E posto que de Deos está manando
Hũa peronne Gloria incomparada,
Sempre a vão de novo apetecendo,
Sem que o desejo fique padecendo.

LXXXI.

Seguridade eterna e deleitosa,
Perpetua paz, perpetua liberdade,
Inteira caridade piedosa,
Certa sciencia da maior verdade;
Cidade emfim que fazem populosa
Anjos de tão subida qualidade,
Que não só deste bem são sustentados,
Mas inda de perdê-lo preservados.

LXXXII.

Faze do menos que aqui tens notado
Conferencia c'os bens do trato humano
(Deixo o temor de ser atormentado)
E verás dos mortaes o grande engano;
De lá sendo o trabalho limitado
Aqui tem premio eterno e soberano,
E a gostos que são só accidentes
Responde a perda destes permanentes.

LXXXIII.

Mas proferia os ultimos accentos
Abel, de cuja voz Adão mostrava
Tal suspensão de internos pensamentos,
Que só nas acções delle s'entregava,
Quando ja dos Empirios Aposentos
Sentio, tornando em si, que fóra estava,
Aonde vê que só chorar peccados
São gostos cá na vida bem fundados.

FIM.